

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - *CAMPUS* OURO PRETO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Lílian Gabriela de Oliveira

MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, INSPIRAÇÃO:
ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTISTAS E A CIDADE DE OURO PRETO,
E AS INFLUÊNCIAS EM SUAS OBRAS

Ouro Preto
2022

LÍLIAN GABRIELA DE OLIVEIRA

MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, INSPIRAÇÃO:
ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTISTAS E A CIDADE DE OURO PRETO,
E AS INFLUÊNCIAS EM SUAS OBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de Tecnóloga em Conservação e Restauro.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer.

Ouro Preto

2022

O48m

Oliveira, Lílian Gabriela de.

Memória, patrimônio, identidade, inspiração. [manuscrito]: estudo sobre as relações entre artistas e a cidade de Ouro Preto, e as influências em suas obras – Ouro Preto. / Lílian Gabriela de Oliveira. – 2022.
87 f.: il.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer.

Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2022.

1. Patrimônio cultural. 2. Memória. 3. Identidade. I. Bohrer, Alex Fernandes. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 316.7

Catálogo: Gláucia Maria Ferreira de Carvalho - CRB-6/2231

LÍLIAN GABRIELA DE OLIVEIRA

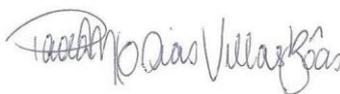
MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, INSPIRAÇÃO:
ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ARTISTAS E A CIDADE DE OURO PRETO,
E AS INFLUÊNCIAS EM SUAS OBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de Tecnóloga em Conservação e Restauro.

Aprovado em 05 de outubro de 2022 pela banca examinadora:



Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer - IFMG (Orientador)



Prof. Ma. Paola de Macedo G. D. Villas Bôas - IFMG



Prof. Dra. Maria do Carmo Pires - UFOP

*À querida Ouro Preto,
cidade que respira e inspira a arte,
e aos ouropretanos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força, me permitindo superar as dificuldades e não desanimar ao longo da caminhada.

A minha família pelo apoio incondicional, e aos meus amigos pelo companheirismo, incentivo e auxílio.

Ao IFMG Ouro Preto e professores do curso de Tecnologia em Conservação e Restauro pelos aprendizados, e ao Alex Bohrer pela orientação e suporte.

Aos colegas de curso e a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse realizado, e que torceram por mim durante esta jornada.

Muito obrigada!!!

RESUMO

A cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, possui um importante e rico acervo cultural e artístico, além de ser um local onde ocorreram acontecimentos que marcaram a história e a cultura da nossa civilização. De pequenos arraiais à cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, a antiga Vila Rica passou por muitas transformações ao longo de seus 311 anos, possuindo uma paisagem singular que já inspirou e ainda hoje continua inspirando muitos artistas, que a partir de seus olhares e de suas representações pictóricas nos permitem manter a cidade ainda mais viva em nossas memórias. Nas cores, luzes, formas e pinceladas, temos expressas as experiências e vivências destes pintores com a histórica cidade, e é através dessas percepções que o presente estudo busca analisar as formas como a sociedade pode se relacionar com o Patrimônio Cultural, com o objetivo de mostrar o quanto ele pode representar e inspirar as pessoas, e assim, contribuir para sua valorização e preservação. Para tal, o trabalho foi estruturado em três etapas, possuindo um caráter mais teórico, de revisão e pesquisas em materiais provenientes de livros, artigos científicos, publicações anteriores e reportagens, além de conter uma análise de todo o material desenvolvido em um último tópico da última etapa.

Palavras chave: Patrimônio Cultural. Memória. Identidade. Ouro Preto.

ABSTRACT

The city of Ouro Preto, in Minas Gerais, has an important and rich cultural and artistic collection, in addition to being a place where events that marked the history and culture of our civilization took place. From small villages to the World Heritage City, the old Vila Rica has undergone many transformations over its 311 years, possessing a unique landscape that has already inspired and still continues to inspire many artists, who from their looks and representations paintings allow us to keep the city even more alive in our memories. In the colors, lights, shapes and brushstrokes, we have expressed the experiences of these painters with the historic city, and it is through these perceptions that the present study seeks to analyze the ways in which society can relate to the Cultural Heritage, with the objective of show how much it can represent and inspire people, and thus contribute to its appreciation and preservation. To this end, the work was structured in three stages, having a more theoretical character, of review and research on materials from books, scientific articles, previous publications and reports, in addition to containing an analysis of all the material developed in a last topic of the last step.

Keywords: Cultural heritage. Memory. Identity. Ouro Preto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Configuração inicial de Ouro Preto (Caminho Tronco), com traçado do arruamento, topografia e perfil do terreno.	21
Figura 2 - Configuração inicial de Ouro Preto (Caminho Tronco), com traçado do arruamento e primeiros arraiais.	22
Figura 3 - Configuração inicial de Ouro Preto a partir dos primeiros arraiais.	22
Figura 4 - Povoamento da Vila ao longo do Caminho Tronco, com crescimento inicialmente em movimento centrípeto, e posteriormente em movimento centrífugo.	23
Figura 5 - Capela de São João Batista, tida como a mais antiga (1698), pertencente ao Arraial do Ouro Fino, mas a atual edificação resulta de uma reconstrução ocorrida por volta de 1743.	23
Figura 6 - Ouro Preto entre a Serra de Ouro Preto, à esquerda, e a Serra do Itacolomi, ao fundo.	24
Figura 7 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias e Matriz de Nossa Senhora do Pilar, ambas com fachadas modificadas na segunda metade do século XIX.	25
Figura 8 - Antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência.	25
Figura 9 - Vista de Ouro Preto a partir do Museu da Inconfidência, localizado na Praça Tiradentes.	26
Figura 10 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelo bairro Vila Aparecida, no centro ao fundo; além dos bairros N. Sra. do Carmo e Novo Horizonte, mais ao fundo à esquerda; e Bauxita, mais ao fundo à direita.	27
Figura 11 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Antônio Dias, abaixo à esquerda; das Dores, à direita; e Alto da Cruz, ao fundo.	27
Figura 12 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Alto da Cruz à esquerda; N. Sra. das Dores, à direita; além de parte do bairro N. Sra. do Carmo, à direita e acima.	28
Figura 13 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Vila São José, à esquerda; Pilar e Rosário ao centro; e São Cristóvão, ao fundo.	28
Figura 14 - Vista de Ouro Preto, onde podemos observar áreas mais antigas, abaixo e à direita; e áreas mais recentes, de expansão da cidade, mais acima e à esquerda.	32

Figura 15 - Vista de Ouro Preto, onde podemos observar áreas com construções históricas abaixo, e o bairro São Cristóvão acima, com construções mais recentes.....	33
Figura 16 - Vista dos bairros Alto da Cruz, Morro da Queimada, e parte do Morro Santana e N. Sra. Da Piedade, a partir da Igreja de Santa Efigênia.....	33
Figura 17 - Vista do bairro Padre Faria, com Capela do Padre Faria e construções mais recentes ao fundo.	34
Figura 18 - Vista de Ouro Preto a partir do Mirante da Lajes, localizado na Rua Conselheiro Quintiliano Maciel.....	35
Figura 19 - Vista de Ouro Preto a partir de uma das torres do Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias.....	36
Figura 20 - Vista de Ouro Preto a partir da Igreja de Santa Efigênia.....	36
Figura 21 - Vila Rica por Spix e Martius, 1818, (Viagem pelo Brasil 1817 / 1820). Litografia.	39
Figura 22 - Litografias por Hermann Burmeister, 1853: Igreja de São Francisco com o antigo Pelourinho de Vila Rica demolido em 1856; Capela do Bonfim, rua na parte baixa da cidade; e Casa de Câmara e Cadeia em Ouro Preto.....	40
Figura 23 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.	41
Figura 24 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.	42
Figura 25 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.	42
Figura 26 - Vila Rica no início do século XIX por Rugendas, representando os fundos de Ouro Preto, nas proximidades da atual estação ferroviária	43
Figura 27 - Cidade Imperial de Ouro Preto, 1824, por Rugendas. Aquarela e nanquim.....	44
Figura 28 - Litografias por Rugendas (1822/1825): Villa Rica; e Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros.	44
Figura 29 - Lavagem do minério de ouro, proximidades da montanha de Itacolomi, (1822/1825), litografia por Rugendas.	45
Figura 30 - Vila Rica por Arnaud Julien Pallière, 1820. Óleo s/ tela.....	46
Figura 31 - Ouro Preto por Émile Rouède: Paisagem Fluvial, 1892; e Inauguração da Estátua de Tiradentes em Ouro Preto, 1894. Óleo s/ madeira e tela.	47
Figura 32 - Ouro Preto por José Wasth Rodrigues: Capela do Padre Faria, 1922; e Paisagem de Minas Gerais 1932. Desenho e óleo s/ tela.....	48
Figura 33 - Paisagem de Ouro Preto por Edésio Esteves, 1972; 1979. Óleo s/ tela.....	49
Figura 34 - Ouro Preto por Edgar Walter, 1971; 1974. Óleo s/ tela.....	49

Figura 35 - Ouro Preto por Honório Esteves: Panorama da freguesia de Antônio Dias 1893; e Igreja de Santa Efigênia, 1894. Óleo s/ tela.	50
Figura 36 - Panorama de Ouro Preto, vista tomada do adro da igreja de S. Francisco de Paula, 1908, por Honório Esteves. Óleo s/ tela.	51
Figura 37 - Paisagem de Ouro Preto, 1948, por Anita Malfatti. Óleo s/ tela.	52
Figura 38 - Paisagem de Ouro Preto, dec. 1940, por Alfredo Volpi. Óleo s/ cartão.	52
Figura 39 - Casa dos Contos - Ouro Preto, dec. 1950, por Di Cavalcanti. Óleo s/ tela.....	53
Figura 40 - Igreja de Antônio Dias, 1955, por Djanira. Óleo s/ tela.	53
Figura 41 - Vista de Ouro Preto; Dois Panoramas: Ouro Preto e Mariana, 1924, por Tarsila do Amaral. Lápis s/ papel.	54
Figura 42 - Paisagem de Ouro Preto, 1924, por Tarsila do Amaral. Aquarela s/ papel.	55
Figura 43 - Desenhos da primeira estadia de Guignard em Ouro Preto, 1942, publicado no Suplemento Literário “A Manhã”, do Rio.....	56
Figura 44 - Paisagem de Ouro Preto, 1946, por Guignard. Óleo s/ tela.	56
Figura 45 - Guignard pintando paisagens em Ouro Preto, 1961 e 1962.	57
Figura 46 - Ouro Preto por Guignard, 1951;1962. Óleo s/ tela.	57
Figura 47 - Paisagens de Ouro Preto por Guignard, 1949; s/d. Óleo s/ madeira.....	58
Figura 48 - Paisagem Onírica de Ouro Preto; e Ouro Preto Noites de Junho, 1960, por Guignard. Óleo s/ tela.	58
Figura 49 - Paisagens Imaginantes, 1939,1947, 1953, por Guignard. Óleo s/ tela.	59
Figura 50 - Ouro Preto por José de Souza Estêvão, 1960 e 1969. Óleo s/ tela.	60
Figura 51 - Rua de Ouro Preto 1969, e Primavera em Ouro Preto 1980, por Chanina Luwiz Szejnbejn. Óleo s/ tela.	60
Figura 52 - Ouro Preto, 1972 e 1977, por Petrônio Bax Pereira. Óleo s/ tela.	60
Figura 53 - Paisagens de Ouro Preto, 1979, por Wilde Lacerda. Óleo s/ tela.	61
Figura 54 - Ouro Preto por Yara Tupynambá: (Tríptico), 1957; e Noturno de Ouro Preto, 2005. Óleo s/ madeira.	61
Figura 55 - Paisagens de Ouro Preto por Émeric Macier, 1944; 1965. Óleo s/ tela.....	62
Figura 56 - Vistas de Ouro Preto, 1962, por Inimá de Paula. Óleo s/ tela.	62
Figura 57 - Ouro Preto por Yoshiya Takaoka, 1962. Óleo e aquarela s/ tela.....	62
Figura 58 - Paisagem de Ouro Preto, 1970, por Yoshiya Takaoka. Óleo s/ tela.	63
Figura 59 - Ouro Preto por Rudolf Weigel, s/d. Óleo s/ tela.	63
Figura 60 - Ouro Preto por Ommar Pelegatta, s/d. Óleo s/ tela.....	64
Figura 61 - Ouro Preto por Ommar Pelegatta, s/d. Óleo s/ tela.....	64

Figura 62 - Ouro Preto por Sérgio Telles, 2008. Óleo s/tela.	65
Figura 63 - Ouro Preto por Nello Nuno, 1969; s/d. Óleo s/ duratex.	65
Figura 64 - Ouro Preto por Carlos Scliar: 1973; e Ouro Preto 360°, 1976. Tinta vinílica e colagem s/ tela.	66
Figura 65 - Ouro Preto por Ivan Marquetti: Vista das Lages, 1988; e Igreja do Pilar, 1962. Óleo s/ madeira.....	66
Figura 66 - Ouro Preto por Naldo Navajas: Tropeiro e Igreja do Rosário, 2010; Tropeiro Rua São José, s/d. Óleo s/ tela.	67
Figura 67 - Ouro Preto por Vandico: Pilar, s/d; Fundos do Palácio Velho, 2009. Óleo s/ tela.	67
Figura 68 - Ouro Preto, 1997; Igreja de Santa Efigênia, 1991, por Chiquitão. Aquarela.	68
Figura 69 - Ouro Preto, 2010, por Milton Passos. Óleo s/ tela.....	69
Figura 70 - Fim de tarde no Pilar, 2014, por Milton Passos. Óleo s/ tela.	69
Figura 71 - Antônio Dias, 2017; Casa dos Contos em dia chuvoso, 2020, por Milton Passos. Óleo s/ tela.	69
Figura 72 - Guignard retratando Ouro Preto (homenagem), 2014, por Milton Passos. Óleo s/ tela.	70
Figura 73 - Ouro Preto - 300 anos de imagem, 2011, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.....	71
Figura 74 - Rua Direita e Igreja São José, 1991; Paisagem de Ouro Preto, 1982, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.	71
Figura 75 - Paisagem de Ouro Preto, 2005, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.	71
Figura 76 - Ouro Preto por Tunico dos Telhados, 2012 e 2016. Acrílica s/ tela.....	72
Figura 77 - Ouro Preto por Tunico dos Telhados, 2016. Acrílica s/ tela.....	72
Figura 78 - Ouro Preto, 2016, por Tunico dos Telhados. Acrílica s/ tela.....	73
Figura 79 - Paisagens de Ouro Preto, 2006; Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto, 2007, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.	73
Figura 80 - Março na Vila, 2017; Cartografia Rosa com Libélula, 2016, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.	74
Figura 81 - Mapa Ouro Preto, s/ data, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.	74
Figura 82 - Ouro Preto por Tatiana Rangel, 2011 e 2012. Acrílica s/ tela.	74
Figura 83 - Brumas ouropretanas, 2019, por Paulo Valadares. Óleo s/ tela.....	75
Figura 84 - Ouro Preto por Paulo Valadares, 2011; 2012; 2017. Óleo s/ tela.	75
Figura 85 - Travessa do Arieira, 2018; Ouro Preto, 2019, por Paulo Valadares. Óleo s/ tela.	76
Figura 86 - Ouro Preto por Paulo Valadares, 2022. Óleo s/ tela.	76

Figura 87 - Igreja de São Francisco de Assis, 2019, por Mirim Santos. Bico de pena.	77
Figura 88 - Paisagens de Ouro Preto por Mirim Santos, 2022. Aquarela s/ papel.	77
Figura 89 - Paisagens de Ouro Preto por Mirim Santos, 2016; 2019; 2022. Aguada em nanquim e aquarela s/ papel.....	77
Figura 90 - Paisagem de Ouro Preto; Ouro Preto com chuva, s/d, por Elias Layon. Óleo s/ tela.	78
Figura 91 - Ouro Preto por Wilson Vicente, s/d. Óleo s/ tela.....	78
Figura 92 - Vista de Ouro Preto, 2007; As riquezas que rolam de Minas, 2009, por José Rosário. Óleo s/ tela.	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA - Academia Imperial de Belas Artes

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: Discutindo Conceitos	15
2 OURO PRETO: CIDADE PITORESCA	21
2.1. De pequenos arraiais à cidade Patrimônio Cultural da Humanidade: Breve Histórico	21
2.2. Ouro Preto: Lugar de Memória	30
2.3. Cidade “amor inspiração”	34
3 OS ARTISTAS	38
3.1. Artistas do Passado: Séculos XIX e XX.....	39
3.2. Artistas do Presente: Século XXI	64
3.3. Análise do Estudo	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO

Declarada Monumento Nacional em 1933; tombada a nível federal em 1938; e reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1980, a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, possui um importante e rico acervo cultural e artístico. Em meio às suas ruas, casarios, monumentos e população, há muitas histórias e acontecimentos que fazem da cidade um importante local não só no panorama nacional, como também internacional, representando um marco da história e cultura da nossa civilização.

De paisagem pitoresca e história significativa, ao longo de seus anos Ouro Preto foi cenário para diversos artistas que por ali passaram, desenvolvendo suas representações pictóricas, com seus olhares individuais. As pinturas são o resultado da percepção destes artistas, adquirida em suas experiências vividas em determinados contextos históricos.

Servindo de inspiração e em meio a transformações, a paisagem singular da tricentenária cidade já foi e continua sendo representada em seus diversos ângulos, através de novos olhares e variados estilos. Tendo conceitos como memória, patrimônio e identidade presentes no cotidiano e na história não só da cidade, mas também na vida dos artistas que a representam em suas obras, o presente estudo busca analisar a relação da sociedade com o Patrimônio Cultural através da relação destes artistas com a cidade de Ouro Preto, refletida em suas representações pictóricas. Para tal, o trabalho foi estruturado em três etapas, possuindo um caráter mais teórico, de revisão e pesquisas em materiais provenientes de livros, artigos científicos, publicações anteriores e reportagens.

O primeiro capítulo teve como objetivo realizar uma discussão sobre os conceitos de patrimônio, memória e identidade, muito citados ao longo do trabalho, procurando estabelecer uma relação entre eles. Já no segundo capítulo, buscou-se desenvolver uma pesquisa sobre como Ouro Preto se tornou um lugar pitoresco, através do estudo do histórico da cidade e de suas particularidades. Da mesma forma, são realizadas pesquisas no terceiro capítulo, buscando informações sobre pintores que representaram a cidade ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, períodos escolhidos por constituir importantes momentos em que a paisagem da histórica cidade foi bastante retratada, destacando a história e a relação de alguns destes artistas com o local, nas determinadas épocas. A escolha dos artistas foi realizada a partir da decisão de se trazer diferentes estilos de representação. A terceira etapa é finalizada com um tópico que envolve uma análise de todo o estudo desenvolvido, buscando observar a presença dos conceitos de patrimônio, memória e identidade na relação dos artistas com a cidade, em como

isso pode ter influenciado no desenvolvimento de suas representações pictóricas, e o quanto estas podem representar e contribuir para a preservação do Patrimônio Cultural. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento do estudo.

Em meio às artes, arquitetura, religiosidade e costumes da cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, há muita história a ser contada e preservada, podendo tal pesquisa contribuir na reflexão sobre questões relacionadas à valorização e preservação do patrimônio, da memória e da identidade.

1. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: Discutindo Conceitos

Ao se discutir sobre Patrimônio Cultural e toda sua relevância, é preciso compreender algumas palavras e seus significados, que nos auxiliam a refletir melhor sobre o assunto. Em um contexto de cidade histórica, ambiente no qual é desenvolvida a presente pesquisa, conceitos como memória, patrimônio e identidade estão muito presentes em seu cotidiano e no de sua população. No caso específico da cidade de Ouro Preto, em que, ao observar sua paisagem, identificamos inúmeros monumentos históricos, estes conceitos estão ainda mais presentes. São termos que podem assumir muitos significados, mas que possuem uma forte relação entre si, o que resultou, neste estudo, na escolha pela opção de discuti-los em conjunto.

A palavra patrimônio tem origem no termo latino “*patrimonium*”, utilizado para se referir à “propriedade herdada do pai ou dos antepassados, uma herança”¹. Segundo Funari e Pelegrini (2006 apud SPINA; SERRATTO, 2015), “o patrimônio era um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana”.

No mundo ocidental, a preocupação com o patrimônio se iniciou por volta do século XIX. Segundo SIMÃO (2000), a Europa deste século já discutia teorias acerca da preservação, existindo significativo número de obras de restauração do patrimônio, representado pelas edificações monumentais e obras de arte. As teorias iluministas, embasadas na razão e no método científico, desde o século XVIII vinham alterando as relações na arquitetura, suas teorias e aplicações (SIMÃO, 2000). Mas este fato consolidou-se com a Revolução Industrial, na Inglaterra, que trouxe grandes mudanças para a sociedade. No período, marcado pela mudança de mentalidade, avanços tecnológicos e rápido processo de urbanização, houve uma intensa aceleração histórica, e é a partir deste momento que se inicia a discussão sobre a importância das “antiguidades”, em entendê-las como patrimônio e sobre a necessidade da preservação². As mudanças motivadas pela industrialização e pelo pensamento científico dos séculos XVIII e XIX resultaram na desvinculação das tradições e dos referenciais do passado da vida presente e cotidiana, assim como na construção do restauro como disciplina (SIMÃO, 2016).

¹ FUNARI, Pedro Paulo A. CARVALHO, Aline Vieira de. O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares. Diálogos, Maringá: Departamento de História e Programa de Pós-graduação em História da UEM, v.9, n.1, 2005, p.34.

² Françoise Choay, em sua obra ‘A Alegoria do Patrimônio’, faz uma reflexão sobre como se deu a evolução do conceito de monumento ao longo da história ocidental, tratando da noção de monumento histórico e de patrimônio histórico na sua relação com a história, a memória e o tempo.

Assim como as noções de patrimônio, as posturas em relação às intervenções passaram por muitas modificações. Após o surgimento do interesse pela preservação, foram sendo criadas comissões e conferências para estabelecer critérios de proteção e conservação do patrimônio. A partir daí surgem as teorias³ que discutem os conceitos de preservação e restauração dos monumentos históricos, além das Cartas Patrimoniais⁴. Com o passar do tempo, a forma de compreender o patrimônio e as possibilidades de intervenção vão se desenvolvendo. O conceito vai se ampliando e chega hoje, ao que chamamos de “Patrimônio Cultural”, um conjunto muito mais amplo, que inclui nossa cultura e herança coletiva.

No Brasil, em fins do século XIX, já haviam movimentos em defesa do patrimônio da cidade de Ouro Preto, que no período passava por um processo de decadência e estagnação econômica, gerando uma retração populacional e uma situação de abandono com a transferência da capital para a atual Belo Horizonte. Nesse contexto, houve manifestos e iniciativas em favor à salvaguarda do patrimônio, levando ao despertar da importância da preservação da memória e do passado da antiga capital da província.

No início do século XX, a conceituação e a preocupação com o Patrimônio Cultural foram marcadas pela atuação dos pensadores modernistas, que na busca pelas raízes de uma identidade nacional a fim de resgatar a história e a memória do país nos primeiros anos da República, percorreram o interior do Brasil⁵ e encontraram em Ouro Preto e em suas características coloniais o ápice da riqueza cultural e artística do Brasil. Eles elegeram os sítios e monumentos setecentistas como a representação da identidade nacional, levando a questão da necessidade da sua preservação, e assim, intensificando a consciência de proteção ao “Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, que foi definido, pelo Decreto-lei nº 25/37 como:

Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.⁶

³ Correntes teóricas desenvolvidas por nomes como Eugène Viollet-Le-Duc (1814 – 1879) na França, John Ruskin (1819 – 1900) na Inglaterra, Camilo Boito (1836 – 1914), Gustavo Giovannoni (1873 – 1947) e Cesare Brandi (1906 – 1988) na Itália.

⁴ Cartas Patrimoniais: Documentos derivados de reuniões de conselhos e organizações internacionais sobre a questão da preservação patrimonial, subscritas por vários países, de caráter indicativo ou prescritivo.

⁵ Expedição modernista de 1924, conhecida como *viagem de redescoberta do Brasil*, feita a Minas Gerais, incluía a cidade de Ouro Preto, cujo objetivo era “descobrir as origens da nacionalidade para se construir um país moderno” (HORTA, 2014 apud ASSUMPÇÃO; CASTRAL, 2019).

⁶ Capítulo I, Art. 1º do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

Quando se fala em Patrimônio Histórico, o que logo vem à mente da maioria das pessoas é a imagem das cidades coloniais, dos monumentos e edifícios antigos, e isso se deve, em grande medida, à esta primeira legislação patrimonial do país. As primeiras leis e procedimentos de salvaguarda do patrimônio cultural no âmbito nacional surgiram junto à criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), instituído pela lei nº 378 de 13 de agosto de 1937.

Por anos predominou uma atuação preservacionista tendo como prioridade o tombamento⁷ do patrimônio edificado e arquitetônico, os chamados bens de “pedra e cal”, como as igrejas, prédios, fortes, pontes, chafarizes e conjuntos urbanos representativos de estilo arquitetônico específico, como foi o caso de Ouro Preto, em detrimento de outros bens culturais significativos. A escolha pelo que seria ou não preservado era das autoridades do SPHAN, não havendo a participação das populações envolvidas e diretamente responsáveis pelos bens. De acordo com Simão (2016, p. 45), “a ação do Estado, por meio do IPHAN, deu-se de forma bastante distanciada das populações usuárias desses bens, trazendo à cena do patrimônio nacional aqueles bens que representassem a história e a arte brasileira, eleitos pelos intelectuais envolvidos no processo”.

Segundo Fernandes (2004), essa política de preservação objetivava passar aos habitantes do país a ideia de uma memória unívoca, de um passado homogêneo e de uma História sem conflitos e contradições sociais. “A concepção predominante era a de se forjar uma identidade nacional única para o país, excluindo as diferenças e a pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica” (FERNANDES, 2004, p. 131).

Essa noção inicial, que reduzia a perspectiva apenas ao âmbito histórico, foi substituída por uma visão mais ampliada nas últimas décadas do século XX. Por mudanças sociais, políticas e culturais e pelo surgimento de novas tendências internacionais sobre o tema, a concepção sobre o que é patrimônio cultural nacional e as ações de preservação vão sofrendo importantes alterações, principalmente no que diz respeito à ampliação da abrangência dos bens protegidos, e também ao envolvimento da sociedade civil no processo. De acordo com Funari e Pelegrini (2006 apud SPINA; SERRATTO, 2015), a definição de patrimônio passou a ser pautada pelos referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações intangíveis.

⁷ Tombamento: primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, é o registro em um dos quatro Livros do Tombo criados: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo de Belas Artes; Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, além de estabelecer uma nova interpretação em relação a ação do Estado na preservação do patrimônio, também ampliou o conceito de “Histórico e Artístico” para “Cultural”, incluindo a perspectiva de se construir uma memória plural, a partir da contribuição dos diferentes grupos étnicos na formação do país. Segundo seu artigo 216, o Patrimônio Cultural pode ser definido como:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.⁸

Com a Constituição, houve a descentralização dos órgãos responsáveis pela preservação com a expansão da responsabilidade para as esferas estaduais e municipais, com envolvimento da sociedade nos processos decisórios, estabelecendo uma outra dinâmica para a preservação dos bens, além de criados outros mecanismos de preservação do patrimônio além do tombamento.

Complementando a preocupação esboçada no texto constitucional, em 4 de agosto de 2000 foi publicado o Decreto Presidencial nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, podendo ser inscritos em um dos quatro Livros de Registro: dos Saberes; das Celebrações; das Formas de Expressão e dos Lugares⁹.

Desde o surgimento do conceito, o tema Patrimônio Cultural assumiu um importante papel nas questões relacionadas à memória e às identidades. Estes dois conceitos possuem participação importante na escolha dos bens a serem patrimonializados. De acordo com Pelegrini (2006, p. 116), “as noções de Patrimônio Cultural estão vinculadas às de lembrança e de memória, fundamentais no que diz respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função dos vínculos que mantêm com as identidades culturais”.

A memória é um dos conceitos mais presentes nas discussões sobre patrimônio, e um dos eixos da preservação, pois o risco de sua perda é o que justifica grande parte das ações

⁸ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 25 jul. 2022.

patrimoniais de preservação. Podemos pensar na memória como uma capacidade psíquica em que conseguimos reter e (re)lembrar vivências e experiências do passado. Jacques Le Goff (1996), historiador francês, a conceitua como “um conjunto de informações psíquicas que atualizam e conservam impressões ou informações do passado”. Ela permanentemente seleciona e interpreta determinadas lembranças de fatos e acontecimentos passados.

As memórias são construídas a partir de experiências individuais de cada sujeito, mas são formadas em um contexto social, em que há a influência de outros indivíduos. Elas ocorrem na individualidade e/ou no coletivo. Pierre Nora (1984) define a memória como um fenômeno vivo, em permanente evolução, resultado de processos individuais e coletivos, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, sendo assim, mutável e sujeita a fatores internos e externos. Ou seja, assim como nós, e os grupos nos quais estamos inseridos, passam por transformações com o passar do tempo, nossa memória, individual e coletiva, também passa por constantes transformações. Segundo o pesquisador Michael Pollack (1992, p. 201), são constitutivos da nossa memória os acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”, ou seja, aqueles vividos por um grupo ao qual uma pessoa se sente pertencer. A memória, então, deve ser entendida como um fenômeno “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992).

Sendo resultado das experiências passadas de um indivíduo, a memória está diretamente ligada à construção da identidade, que atua como instrumento de reconhecimento e pertencimento do sujeito ao meio em que ele está inserido. As identidades se constroem a partir de visões do passado, que funcionam como pontos de referência para determinados grupos e fornecem coerência, no tempo, a seus quadros de representação simbólica (POLLAK, 1992).

Assim como a memória, a identidade também possui caráter mutável. Ela é resultado das interações dos indivíduos no cotidiano, nas trocas reais e simbólicas, algo que se constrói e se transforma ao longo da sua existência, e que no contexto mundial atual, dialoga com a questão da multiculturalidade trazida em especial com a globalização, e as segmentações identitárias que surgem com ela. De acordo com Le Goff (1984, p. 46), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Para Fernandes (2004), a identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com memória individual e coletiva. Sendo assim, o Patrimônio Cultural possui grande importância pois lida com o substrato da memória, que é elemento essencial para

a construção da identidade. Segundo Carsalade (2013), o Patrimônio Cultural é um conjunto de bens com a função social de orientar as populações e o cidadão no tempo e no espaço, são os bens históricos que nos referenciam quando fruimos a nossa cultura ou quando compartilhamos nossa memória comum; que consolida uma identidade coletiva, a qual faz reconhecer-nos como elos de uma comunidade e que estimula nossos laços afetivos e de cidadania (CARSALADE, 2013).

As memórias estão guardadas no Patrimônio Cultural, e o contato com esse patrimônio faz com que ressignificamos essa memória, que nos auxilia na construção da nossa identidade, fazendo perpetuar essa memória, e conseqüentemente, perpetuar nossa identidade. Assim, ao falar de Patrimônio Cultural, falamos também de memória e de identidade, estando todos estes conceitos interligados. Entender esse vínculo nos ajuda a compreender como a relação entre as pessoas e os bens patrimoniais é dinâmica e sujeita a constantes ressignificações. Podemos concluir então, que a preservação do patrimônio é uma questão de cidadania, sendo direito e dever fundamental do cidadão e suporte para a construção da memória, e assim, da construção da história e da identidade cultural. Entre tantas mudanças e transformações, o Patrimônio Cultural permanece, nos auxiliando nas reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentido de pertencimento a uma determinada cultura e sociedade.

Através do desenvolvimento da presente pesquisa, na análise da relação de artistas com a cidade de Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade, busca-se refletir sobre a valorização e preservação do patrimônio, e assim, sobre a valorização e preservação da memória e da identidade dos indivíduos e comunidades.

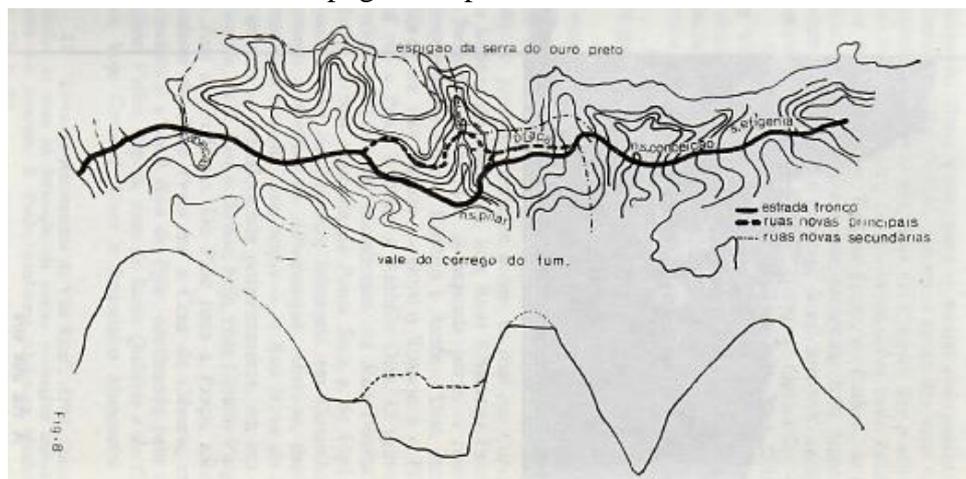
2. OURO PRETO: CIDADE PITORESCA

2.1 De pequenos arraiais à cidade Patrimônio Cultural da Humanidade: Breve histórico

Como vimos no primeiro capítulo, e de acordo com Carsalade (2015), é de tradição brasileira a preservação de núcleos urbanos históricos desde os primórdios de nossa política preservacionista, que tem como marco o Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937, que instituiu o Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e criou seu órgão federal correlato, o SPHAN, atual IPHAN. Já em 1938, iniciaram-se os tombamentos de núcleos históricos com cinco¹⁰ cidades coloniais do estado de Minas Gerais, dentre elas, Ouro Preto.

Foi a partir das riquezas minerais presentes em seu solo que surgiu a cidade que conhecemos hoje como Ouro Preto, localizada na porção centro-sul do estado de Minas Gerais, na zona metalúrgica, conhecida como Quadrilátero Ferrífero. Sua origem se deu ao final do século XVII, com as expedições de paulistas¹¹ e portugueses pelo interior de Minas Gerais em busca de ouro. Ocupando um local com topografia bem íngreme, às margens do Rio Funil e encostas dos morros, surgiram os primeiros arraiais, que posteriormente, já no início do século XVIII, se interligariam dando origem à Vila Rica¹². Esse trajeto é denominado por Vasconcellos (1977) de “caminho tronco” (Figura 1).

Figura 1 - Configuração inicial de Ouro Preto (Caminho Tronco), com traçado do arruamento, topografia e perfil do terreno.



Fonte: VASCONCELLOS, 1977, p.73.

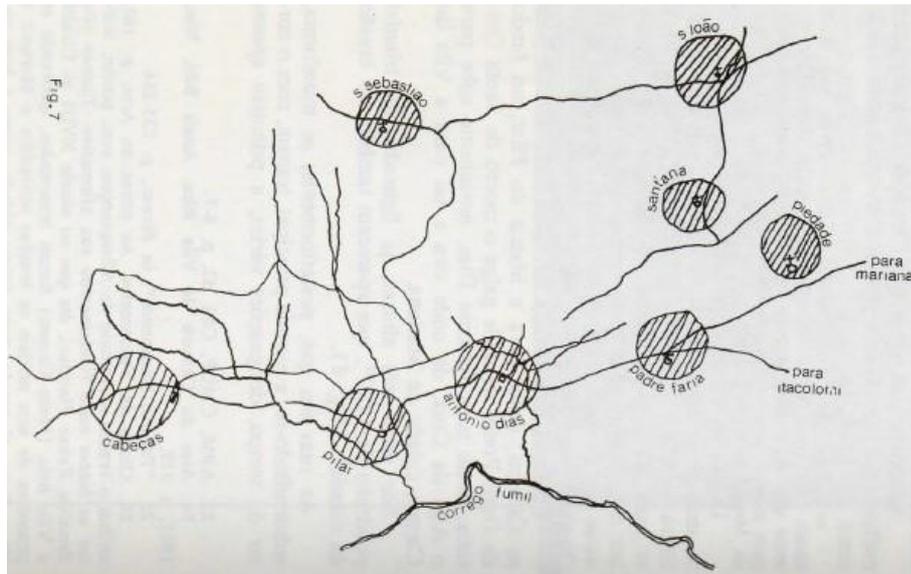
¹⁰ Diamantina, Ouro Preto, São João del-Rei, Serro, Tiradentes.

¹¹ Os primeiros bandeirantes a chegarem no local foram Antônio Dias de Oliveira, Padre João de Faria Fialho e Coronel Tomás Lopes de Camargo, pelo morro São João (BOHRER, 2011).

¹² Vila Rica de Albuquerque, criada juridicamente em 1711, pelo governador Antônio de Albuquerque.

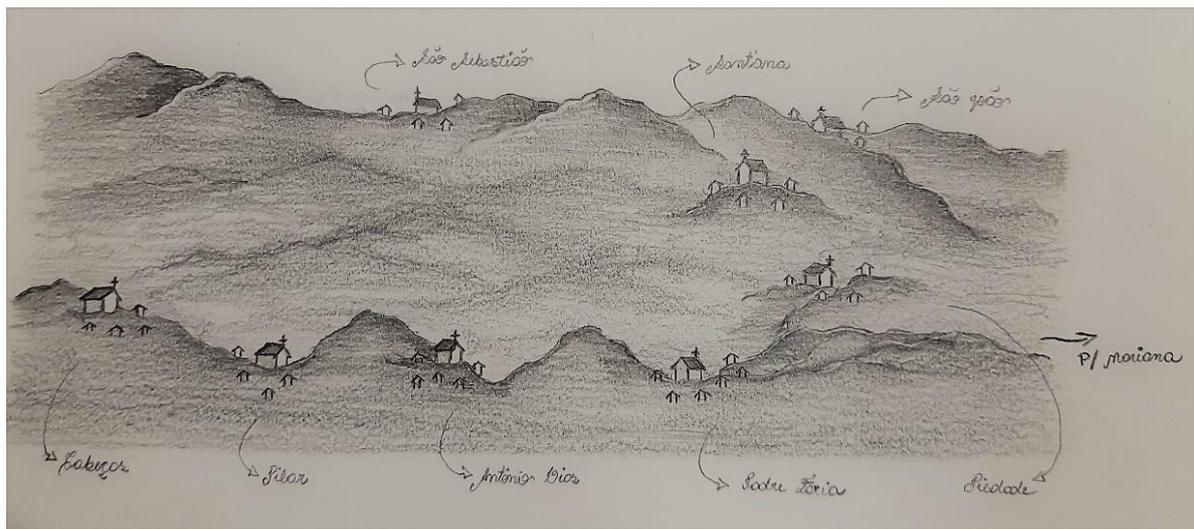
Segundo o autor, o caminho se inicia pelo Passa-Dez, subindo para as Cabeças, desce em direção à Matriz do Pilar, subindo para o Morro de Santa Quitéria (local do centro administrativo na época, hoje Praça Tiradentes), de onde desce diretamente para o Antônio Dias, subindo novamente para o Alto da Cruz (próximo a Santa Efigênia), onde vira e sai em direção a antiga Vila do Carmo, atual cidade de Mariana¹³ (Figura 2).

Figura 2 - Configuração inicial de Ouro Preto (Caminho Tronco), com traçado do arruamento e primeiros arraiais.



Fonte: VASCONCELLOS, 1977, p.72.

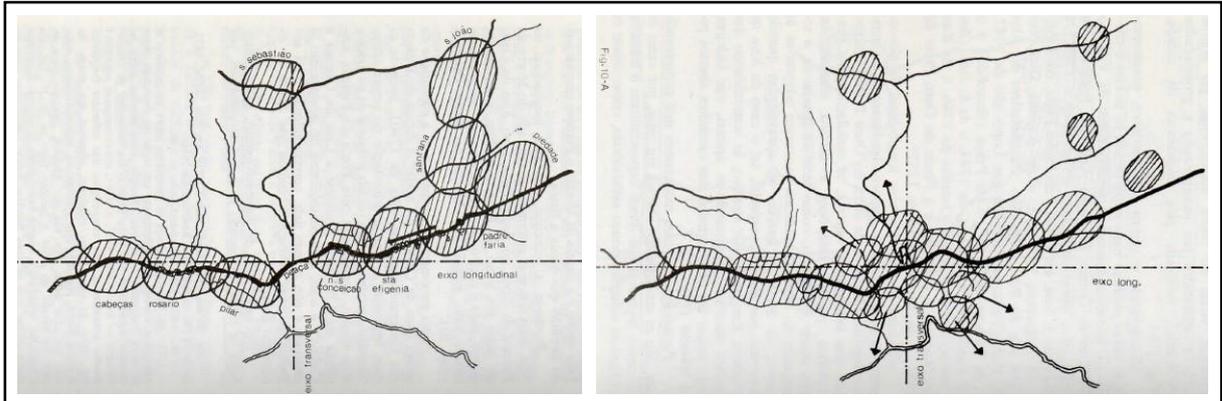
Figura 3 - Configuração inicial de Ouro Preto a partir dos primeiros arraiais.



Fonte: Elaborado pela autora com base em VASCONCELLOS (1977, p.72).

¹³ VASCONCELLOS, 1977, p.71.

Figura 4 - Povoamento da Vila ao longo do Caminho Tronco, com crescimento inicialmente em movimento centrípeto, e posteriormente em movimento centrífugo.



Fonte: VASCONCELLOS, 1977, p.78 e p.80.

Figura 5 - Capela de São João Batista, tida como a mais antiga (1698), pertencente ao Arraial do Ouro Fino, mas a atual edificação resulta de uma reconstrução ocorrida por volta de 1743.



Fonte: Autora (2022).

Para Bohrer (2011, p. 22), “só mesmo a febre aurífera para erguer uma cidade em terreno tão austero para a presença humana”. Já de início podemos ver uma peculiaridade da cidade, relacionada ao relevo de seu território. Os traços de seu desenho foram condicionados ao sítio natural e as características da atividade mineradora. Em um curto espaço de tempo, a região atraiu uma imensa população vinda de diferentes áreas em busca do ouro, povoando o vale entre as serras de Ouro Preto e do Itacolomi (Figura 6).

[...] Portanto, em Ouro Preto, o organismo urbano é gerado a partir da conurbação de uma série de arraiais de exploração aurífera, localizados nas margens dos córregos do vale do Tripuí, unidos entre si por um caminho direto que marcava a chegada e a saída dessa zona de mineração. Essa chamada “estrada tronco” define o nascimento

espontâneo da antiga Vila Rica, fruto do adensamento desses núcleos independentes, absorvidos pelo “caminho velho”, deixando a vila com uma morfologia linear e orgânica (BAETA, 2007, p.52).

Figura 6 - Ouro Preto entre a Serra de Ouro Preto, à esquerda, e a Serra do Itacolomi, ao fundo.

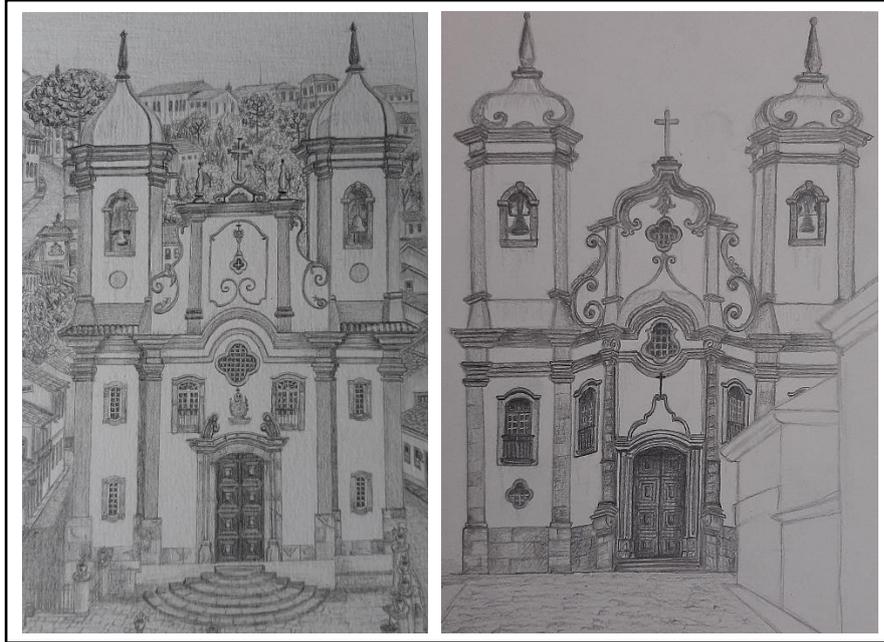


Fonte: Acervo da autora (2021).

Em 1720, Vila Rica se torna a capital da Capitania das Minas Gerais, desmembrada da Capitania de São Paulo. No estilo Barroco têm-se o início da riqueza da arte e arquitetura colonial da então capital, demonstrando exuberância através da religiosidade, na construção das duas suntuosas matrizes, de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Pilar (Figura 7), pertencentes às duas freguesias principais da vila, respectivamente, a de Antônio Dias e a de Ouro Preto. Além da arquitetura religiosa, temos também a partir do século XVIII a construção de importantes edifícios, como a Casa de Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência) (Figura 8), o Palácio dos Governadores (atual Museu de Ciência e Técnica da UFOP), Casa dos Contos (antiga residência do contratador João Rodrigues de Macedo), além de importantes chafarizes e pontes.

O crescimento vertiginoso da população e o adensamento de edificações nos arraiais na primeira década do século XVIII demonstravam o delineamento de uma paisagem tipicamente urbana que, aos poucos, se espalhava dos vales para as encostas das montanhas, acompanhando a atividade mineratória [...] os primeiros esboços de uma intensa vida urbana, jamais vista na colônia, até então, foi propiciada pelo desenvolvimento da atividade comercial, da prática religiosa e de outras atividades acessórias urbanas que marcaram o cotidiano dos moradores dos arraiais da mineração (CIFELLI, 2005 apud CUNHA; CALDEIRA, 2017).

Figura 7 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias e Matriz de Nossa Senhora do Pilar, ambas com fachadas modificadas na segunda metade do século XIX.



Fonte: Autora (2022).

Figura 8 - Antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência.



Fonte: Autora (2022).

De acordo com Vasconcellos (1956), as igrejas foram implantadas em locais de destaque na paisagem e o traçado urbano se configura de forma espontânea e longilínea, apresentando um caráter mais orgânico, adaptando-se às condições do terreno, o que confere uma urbanização integrada à paisagem (Figura 9).

Figura 9 - Vista de Ouro Preto a partir do Museu da Inconfidência, localizado na Praça Tiradentes.



Fonte: Acervo da autora (2018).

A expansão se deu ao longo do caminho tronco e em direção aos morros que o envolve. Em 1823, a Vila é elevada à cidade sob o nome de Imperial Cidade de Ouro Preto, que representava a característica do ouro encontrado no território, envolto por uma camada escura de óxido de ferro. Em meados do século XIX, Ouro Preto é referência na área educacional, com a criação da Escola de Farmácia e Bioquímica (1839); Escola Normal de Ouro Preto (1840); Escola de Minas e Metalurgia (1876); e o Liceu de Artes e Ofícios (1886). Em 1889, há a inauguração do ramal férreo, trazendo crescimento e modernização para a cidade, além de mudanças em sua aparência, com a criação de novas vias.

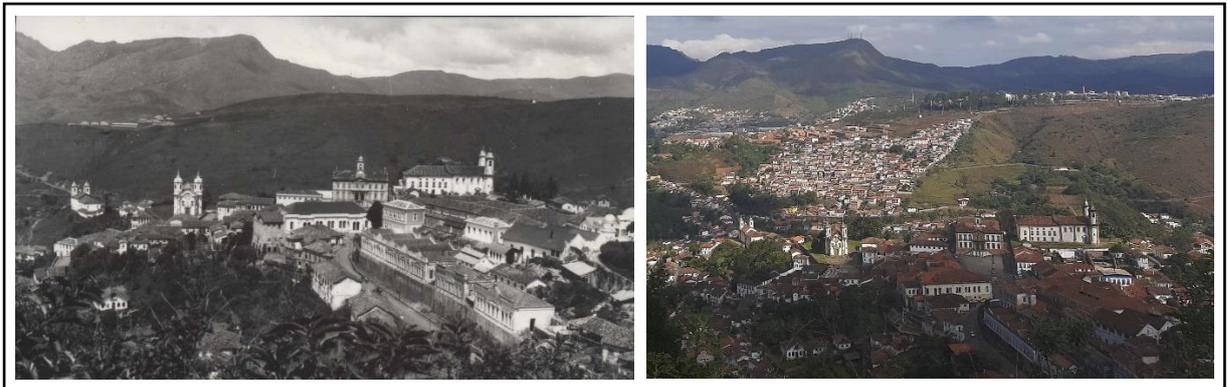
Em fins do século XIX, se inicia um processo de declínio e estagnação da economia e queda da demografia, acentuado em 1897, com a transferência da capital do Estado para o local denominado Curral del Rei, atual Belo Horizonte, planejada para tal, atendendo aos ideais modernos de cidade. Fato que contribuiu, de certa maneira, para que grande parte de seu casario e paisagem colonial fossem preservados. Segundo Oliveira (2003 apud SANTANA, 2012), “como outros exemplos na história das cidades, Ouro Preto teve preservadas sua integridade física e formal em função do seu afastamento do desenvolvimento que estimula renovações urbanas.” Vale salientar que foram propostos projetos, não concretizados, para a modernização da cidade na tentativa de evitar a transferência da capital do estado para Belo Horizonte.

A situação começou a ser revertida em meados do século XX, com o desenvolvimento da siderurgia e da extração de minério, além da criação, em 1969, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), resultado da unificação das Escolas de Farmácia e de Minas. As mudanças sociais e econômicas ocorridas representaram grandes reflexos na

forma urbana da cidade, que sofreu uma expansão desordenada, com a criação de novos bairros e continuação da ocupação das encostas no entorno imediato do centro histórico. A falta de planejamento urbano aliada à demanda crescente por novas construções, levaram à continuidade do crescimento desordenado. Atualmente, a mineração e o turismo são a base da economia do município.

Através das figuras 10, 11, 12 e 13, podemos realizar uma análise comparativa de transformações ocorridas na cidade, a partir de fotografias realizadas pelo fotógrafo ouropretano Luiz Fontana, na primeira metade do século XX, e fotografias atuais.

Figura 10 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelo bairro Vila Aparecida, no centro ao fundo; além dos bairros N. Sra. do Carmo e Novo Horizonte, mais ao fundo à esquerda; e Bauxita, mais ao fundo à direita.



Fonte: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/#fotografias>. Acesso em: 23 set. 2022.
Fonte: Acervo da autora (2021).

Figura 11 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Antônio Dias, abaixo à esquerda; N. Sra. das Dores, à direita; e Alto da Cruz, ao fundo.



Fonte: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/#fotografias>. Acesso em: 23 set. 2022.
Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 12 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Alto da Cruz à esquerda; N. Sra. das Dores, à direita; além de parte do bairro N. Sra. do Carmo, à direita e acima.



Fonte: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/#fotografias>. Acesso em: 23 set. 2022.

Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 13 - Vistas parciais de Ouro Preto, século XX e século XXI, onde podemos observar a expansão da cidade pelos bairros Vila São José, à esquerda; Pilar e Rosário ao centro; e São Cristóvão, ao fundo.



Fonte: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/#fotografias>. Acesso em: 23 set. 2022.

Fonte: Acervo da autora (2021).

Em meio a sua história, a região sediou movimentos de rebelião e protestos, como a Guerra dos Emboabas entre os anos de 1707 a 1709, que opunha os primeiros descobridores paulistas aos portugueses e brasileiros de outras regiões pelo domínio da exploração do ouro; a Sedição de Felipe dos Santos em 1720, que resultou na separação da região das Minas da Capitania de São Paulo; e a Inconfidência Mineira em 1789, que segundo Simão (2000, p.37), transcendeu seu contexto imediato para permanecer na história brasileira enquanto símbolo das lutas contra a opressão.

Com um importante e rico acervo cultural e artístico, além de ser um local onde ocorreram acontecimentos que marcaram a história e cultura da nossa civilização, a cidade foi, ainda anterior à criação do IPHAN, declarada Monumento Nacional pelo Decreto Federal nº.22.928, de 12 de julho de 1933, considerando que:

[...] a cidade de Ouro Preto, antiga capital do Estado de Minas Gerais, foi teatro de acontecimentos de alto relevo histórico na formação de nossa nacionalidade e que possui velhos monumentos, edifícios e templos de arquitetura colonial, verdadeiras obras d'arte, que merecem defesa e conservação (BRASIL, 1933).

No ano de 1938, seu conjunto arquitetônico e urbanístico foi inscrito no Livro de Tombo das Belas Artes, pelo IPHAN, o que deu início às ações de preservação da cidade. Em 21 de setembro de 1980, Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO¹⁴. Em 15 de setembro de 1986, o conjunto urbanístico e arquitetônico da cidade é inscrito novamente nos Livros de Tombos Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sendo reflexo da mudança no entendimento em relação aos núcleos históricos, não mais entendidos como obras de arte.

Como detentora deste título e sendo uma cidade viva e dinâmica, que necessita de transformações por suas necessidades enquanto núcleo urbano, a cidade ainda hoje possui muitos desafios a serem enfrentados, principalmente em questões relacionadas ao equilíbrio entre desenvolvimento, preservação e também o turismo.

¹⁴ *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – Organização das Nações Unidas para a educação, a Ciência e a Cultura.

2.2 Ouro Preto: Lugar de Memória

Retomando a discussão do primeiro capítulo, trazemos o conceito de “Lugares de Memória”, elaborado pelo historiador francês Pierre Nora (1981), e definido como lugares que desempenham a função de rememorar algo baseado nas funções simbólica, funcional e material, criados a partir da busca por locais que sejam representativos da história, e que possam ser referências para a identidade. Para o autor, os Lugares de Memória são os “restos” do passado que de algum modo sobreviveram ao tempo e chegaram ao presente, identificados como espaços impregnados de conteúdo simbólico e de referências culturais.

Se, como vimos no primeiro capítulo, o Patrimônio Cultural implica sentidos de pertencimento e permanência, sendo sua preservação suporte fundamental para a construção da memória, e assim, para a construção da história e da identidade cultural, encontramos dentro deste conceito de Lugar de Memória, o Patrimônio Cultural.

Sendo assim, a cidade de Ouro Preto pode ser considerada um Lugar de Memória, com uma variedade de símbolos, compreendidos pelas mais diversas formas da atividade humana, sendo instrumentos de conhecimento e de comunicação. É um local que transmite aspectos da memória, cultura e história, com espaços vinculados a processos sociais, políticos e culturais, próprios da cidade e também em âmbito nacional e mundial.

[...] Ouro Preto passa a representar um lugar onde uma memória histórica teria se preservado, um “lugar de memória”; sua imagem de cidade colonial serve ao presente como um atestado dos feitos passados que refletem os valores constitutivos da identidade mineira e brasileira (NATAL, 2006, p. 9).

Por sua importância como referência e identidade nacional, e por seu valor universal excepcional, tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, que define que,

O patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. [...] é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade. O que faz com que o conceito de Patrimônio Mundial seja excepcional é sua aplicação universal. Os sítios do Patrimônio Mundial pertencem a todos os povos do mundo, independentemente do território em que estejam localizados.¹⁵

Segundo Vettorassi (2014 apud CIASCA, 2018), os lugares da memória são pontos de referência que, além de elementos estruturantes da nossa memória individual, também se

¹⁵ Fonte: <https://www.cvunesco.org/educacao/educacao-patrimonial>. Acesso em: 22 jul. 2022.

inserir na memória da coletividade a que pertencemos. Ao contemplar esse espaço de relevância histórica da cidade mineira, ele nos permite rememorar um passado capaz de trazer sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos, que fundamentam e explicam a realidade presente. A cidade possui uma atmosfera que respira história, não só pela presença dos bens edificados, mas principalmente pelo significado dado a eles pela população ou pelos visitantes. De acordo com Martins (2006), o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita.

O Patrimônio Cultural significa, então, a rememoração ou a lembrança da própria ação humana em diferentes tempos e lugares, é a capacidade de representar e interpretar vivências, memórias e identidades, e preservá-lo é relacioná-lo com as interações humanas a ele ligadas. Através do espaço urbano da cidade, suas feições, seus monumentos, casarões e prédios históricos, em suas formas de ocupação, e também na presença de sua população, podemos compreender as relações sociais que acontecem ali, as experiências pessoais e coletivas no envolvimento do homem com o meio ambiente físico e com suas identidades. Assim, os espaços geográficos tornam-se singulares, dinâmicos e abertos a constantes transformações, sendo reflexo das sociedades (ARAGÃO; CARVALHO, 2013).

A paisagem da cidade revela os processos que ela passou, sua construção ao longo do tempo, a forma como as pessoas viveram e vivem, a relação que existe entre elas e a que estabelecem com a natureza. “O lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos” (CALLAI, 2000 apud COSTA, 2008). Ela incorpora aspectos naturais, sociais, econômicos e culturais. A interação e relações das pessoas com outras pessoas e o espaço contribuem para a formação do lugar, resultando em uma paisagem que gera um sentimento de pertença. Segundo Costa (2008), “a identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar, é representada pelas atividades cotidianas onde se produz formas de espaço culturalmente construídas”. Há, além dos elementos materiais, costumes e práticas que expressam a memória do lugar, fazendo com que a materialidade traga também o imaterial.

Sendo assim, para além de somente igrejas, casarões e monumentos, na paisagem da antiga Vila Rica é expressa a sua formação e continuidade, uma mistura que demonstra como era a vida nos séculos passados e como é a vida hoje, uma relação de períodos distintos. Temos os saberes e fazeres humanos, que atribuem significado e organizam o território, uma paisagem

plena de significados e experiências sociais, onde identificamos trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos.

Certamente, a necessidade de se preservar um complexo histórico, arquitetônico e urbanístico dessa grandeza vai muito além de resguardar antigas materialidades que remontam a um passado marcado pela riqueza do ouro e pela consternação da escravidão. Preservar também significa fixar as memórias e as manifestações identitárias marcadas de diferentes maneiras sobre seu território. O antigo se torna, pois, o lugar da memória que sobrevive no presente às abruptas transformações decorrentes da sociedade industrial e da velocidade trazida pelas novas tecnologias (CUNHA; CALDEIRA, 2017, p. 207).

Entre tantos desafios enfrentados pelo município atualmente, há o equilíbrio entre desenvolvimento e preservação, além da relação destes com a atividade turística. A forma urbana da cidade é resultado de mudanças sociais e econômicas ocorridas ao longo dos anos. A partir da segunda metade do século XX, houve um desenvolvimento econômico iniciado com a industrialização e impulsionado pelo turismo, levando ao crescimento da população e, conseqüentemente, da demanda por novas moradias. Assim, as áreas que circundam o núcleo colonial foram sendo continuamente ocupadas de forma desordenada, e hoje integram a paisagem atual, mesmo que na maioria das vezes sejam excluídas das imagens mais famosas da cidade, onde é apresentado um aspecto estético mais bonito (Figuras 14 a 17).

Figura 14 - Vista de Ouro Preto, onde podemos observar áreas mais antigas abaixo e à direita; e áreas mais recentes, de expansão da cidade, mais acima e à esquerda.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 15 - Vista de Ouro Preto, onde podemos observar áreas com construções históricas abaixo, e o bairro São Cristóvão acima, com construções mais recentes.



Fonte: <https://www.odecolonial.com/post/olhar-en-cena-a-luta-por-moradia-em-ouro-preto>. Acesso em: 22 set. 2022.

A falta de planejamento urbano e de estrutura para controle desse crescimento, com tentativas e desenvolvimento de planos não implantados, foi levando à continuação da ocupação desordenada, e a paisagem foi se modificando em um processo irreversível. Mesmo não estando presentes nas representações mais divulgadas da cidade histórica, essas áreas contemporâneas possuem forte poder simbólico para a história do município, pois mostram como ocorreu a ocupação do território em determinada época, além de abrigar a maior parte da população, não devendo ser ignoradas.

Figura 16 - Vista dos bairros Alto da Cruz, Morro da Queimada, e parte do Morro Santana e N. Sra. Da Piedade, a partir da Igreja de Santa Efigênia.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 17 - Vista do bairro Padre Faria, com Capela do Padre Faria e construções mais recentes ao fundo.



Fonte: Acervo da autora (2022).

A denominação de lugar pitoresco¹⁶ e singular que tem a cidade de Ouro Preto, vai desde sua formação, em uma região de topografia tão dificultosa para a ocupação humana, passando por toda sua trajetória, e chegando na paisagem que temos atualmente, plural e heterogênea.

2.3 Cidade “amor inspiração”

Ao longo de seus anos, Ouro Preto foi cenário para diversos artistas que por ali passaram, desenvolvendo suas representações pictóricas, com seus olhares individuais, a partir de suas percepções obtidas em suas experiências pela cidade. Servindo de inspiração e em meio a transformações, a paisagem singular da tricentenária cidade já foi e continua sendo representada em seus diversos ângulos, através de novos olhares e variados estilos.

E é essa paisagem entre vales e montanhas, com os telhados cerâmicos dos casarões marcando os traçados das sinuosas ruas e ladeiras, e monumentos em locais de destaque, um dos pontos que faz da cidade um lugar único e pitoresco, além de seus distritos, também ricos em história e cultura.

As sinuosidades dos traçados e os fortes acíves dos logradouros conferem excepcional irregularidade aos conjuntos edificados. Essa irregularidade é ainda mais acentuada pelo fato de as casas se apresentarem coladas umas às outras e contarem com número variado de pisos, sem qualquer ordenação definida. Esse conjunto de fatores produz, nos logradouros da cidade, nas ruas, becos e praças, um forte sentido

¹⁶ Pitoresco: inusitado ou interessante; que se sobressai pela excentricidade; de essência própria e diferente; característico; que é merecedor de uma pintura, representação ou quadro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pitoresco/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

pitresco [...]. A inserção das igrejas e capelas nesta paisagem urbana – seja daquelas localizadas em pontos altos do sítio (São Francisco de Paula, São José, Santa Efigênia e capelas do alto da serra), seja das localizadas especificamente na trama urbana (as duas paroquiais já citadas, capelas do Carmo, de São Francisco de Assis, do Rosário, ou as duas Mercês) – ainda mais acentua a extrema variedade, a riqueza dos pontos de vista e o pitoresco do sítio urbano de Ouro Preto (TELLES, 1997-2000, p.46 apud NATAL, 2007, p.128).

Ao caminhar por suas vias, temos uma sensação de surpresa, de descoberta do desconhecido. No centro histórico vivenciamos essas sensações quando estamos imersos em meio ao seu casario e de repente se abre um largo, com algum monumento em destaque. Já pelas bordas, nas partes mais altas, temos surpresas em relação às paisagens e suas centenas de ângulos possíveis. A cidade revela contrastes inesperados, que impactam visualmente, tornando os percursos mais atraentes e dinâmicos. Em um único enquadramento podemos dispor de um núcleo histórico, mas também das áreas periféricas da cidade, em que se encontra grande parte da população ouropretana que vive o dia-dia desta cidade, e é um dos principais elementos desse patrimônio (Figura 18).

[...]a topografia acidentada contribuirá para que a cidade possa ser vislumbrada não só no “espaço interior” do aglomerado urbano, mas também de diversos pontos exteriores à mancha construída, nos caminhos que vencem as duas serras que a delimitam longitudinalmente e nos acessos principais ao núcleo. Essa percepção é tão importante como o ato de caminhar e descobrir *in loco* as grandes cenas dramáticas do espaço, pois se fundamenta na primeira visão que se tem da cidade, ou de parte dela, para quem chega por uma das diversas estradas (BAETA, 2007, p.55).

Figura 18 - Vista de Ouro Preto a partir do Mirante das Lajes, localizado na Rua Conselheiro Quintiliano Maciel.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Seus diferentes espaços, topografia acidentada e traçado orgânico nos dá um conjunto de variados cenários. Têm-se a sobreposição de camadas de distintos períodos históricos expressos através de sua paisagem urbana integrada e valorizada pela sua paisagem natural, permitindo a contemplação do conjunto urbano. Apesar das alterações decorrentes das novas demandas, ainda é retratada a malha urbana setecentista em destaque às inserções contemporâneas (Figuras 19 e 20).

Figura 19 - Vista de Ouro Preto a partir de uma das torres do Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 20 - Vista de Ouro Preto a partir da Igreja de Santa Efigênia.



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Pela relevância de seu patrimônio, e seu traçado urbano integrado à paisagem natural, [Ouro Preto] representa uma experiência artística e urbanística ímpar, testemunho de uma tradição cultural e do gênio criativo humano” (DRUMMOND, 2000)¹⁷.

Chamada por Alberto da Veiga Guignard de cidade “amor inspiração”, a antiga Vila Rica é um local de paisagem singular. Assim como serviu de inspiração para este importante artista, a cidade também foi e é retratada por vários outros, que a partir de seus olhares e suas obras nos permitem manter a cidade ainda mais viva em nossas memórias. Nas cores, luzes, formas e pinceladas, temos expressas as experiências e vivências destes pintores com a antiga Vila Rica. E é através das percepções e experiências destes artistas com a cidade, que se busca analisar as formas como a sociedade pode se relacionar com o Patrimônio Cultural, no quanto ele pode representar e inspirar as pessoas, e assim, contribuir para sua valorização e preservação.

¹⁷ DRUMMOND, Roberto. Cidade Histórica de Ouro Preto. In: *Patrimônio Mundial no Brasil*. Brasília: UNESCO, 2000.

3. OS ARTISTAS

Segundo Carsalade (2007), identificar-se com um lugar é uma forma de ser-no-mundo e traz consigo a sensação de pertencimento que nos liga a uma coletividade. Para que essa sensação de pertencimento se dê, é importante que o homem experimente seu ambiente como uma totalidade significativa, estando um de seus aspectos mais importantes na sua capacidade figurativa, na imagem que ele apresenta como manifestação de seu ser próprio (CARSALADE, 2007).

Ouro Preto, além de ter sido o berço de artistas responsáveis pelas mais significativas obras do barroco mineiro, em seu exemplo máximo o escultor e mestre de obras Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, inspirou e ainda continua inspirando vários artistas em suas obras, nas mais variadas formas de expressão. As características particulares de seu conjunto arquitetônico e urbanístico e também sua relação direta com a história de Minas e do Brasil, atraíram para a cidade artistas e intelectuais, que através de relatos, poemas, filmes, desenhos, pinturas, músicas, livros ou fotografias, construíram narrativas sobre a cidade.

Partindo da reflexão de Carsalade, a cidade já evocou em muitos destes artistas sensações de pertencimento, através de sua capacidade figurativa. Como escolha de lugar para se viver, de passagem, ou mesmo como lugar de origem, o contato desse determinado grupo com Ouro Preto e seu Patrimônio Cultural muitas vezes representou um encontro com a memória, com a história do país, e assim, no caso dos artistas nacionais, um encontro com capítulos da sua própria história.

Para o presente estudo, foram escolhidos três importantes momentos em que a paisagem da antiga Vila Rica foi bastante retratada, sendo estes os séculos XIX, com expedições de viajantes estrangeiros ao país; o XX, com a presença de intelectuais modernistas na cidade; e o atual século XXI, que apresenta um cenário de variados artistas e estilos. Os dois primeiros representam, em determinados períodos de suas épocas, a busca pela construção da identidade do país, nos anos posteriores à Independência do Brasil e também nos tempos seguintes à Proclamação da República. Os estudos desenvolvidos pelos estrangeiros sobre o nosso país se tornaram um dos pontos importantes de referência das características encontradas por aqui. Com o Movimento Modernista, iniciado na década de 1920, podemos dizer que há um segundo período de busca por características que definissem a identidade nacional. Já nos tempos atuais, em um mundo globalizado, temos o acesso a inúmeras identidades, e isso leva a uma busca pela definição da nossa identidade individual, como vimos, ligada à nossa identidade coletiva. Sendo assim, os três momentos escolhidos demonstram continuidades do processo de construção da

identidade nacional, que é diversa, e se mostram como interessantes épocas para se desenvolver a análise proposta neste estudo.

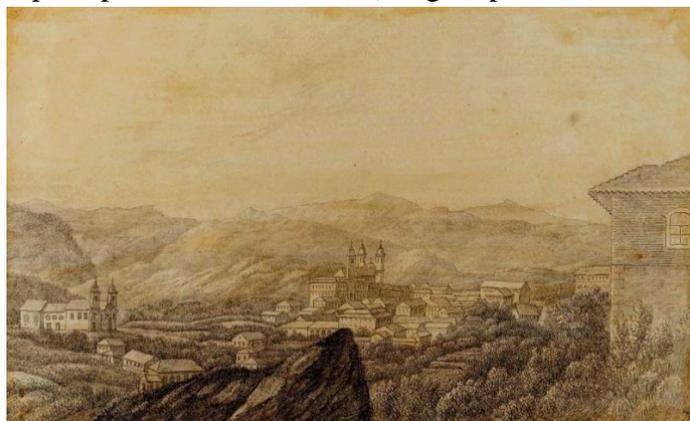
3.1 Artistas do Passado: Séculos XIX e XX

No século XIX, o Brasil passou a atrair diversos viajantes europeus dos mais variados campos das ciências e das artes, principalmente após a abertura dos portos ao comércio marítimo internacional por D. João VI em 1808, que se dedicaram a pesquisar e relatar as riquezas brasileiras, resultando em impressões detalhadas dos hábitos, costumes, vida social, aspectos do território, paisagens, fauna e flora vistos por aqui. Uma série de expedições científicas e exploratórias foram realizadas por diferentes regiões do país.

Esses relatos, feitos a partir do olhar e percepção dos estrangeiros, produziram as primeiras representações geográficas e sociais do país para os europeus. Segundo Lima (2017), os registros efetuados por eles que circularam pelo Brasil neste período, constituem uma referência fundamental para a identificação de matrizes representacionais das distintas realidades brasileiras: natural, social e cultural.

Nomes como do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), dos alemães Johann Baptista von Spix (1781-1826), Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) (Figura 21) e Hermann Burmeister (1807-1892) (Figura 22), do botânico austríaco Johann Emanuel Pohl, ou do mineralogista inglês John Mawe, são muito citados e estudados na busca por estrangeiros que passaram por essas terras construindo suas impressões, muitas das quais dando origem a livros, fazendo com que o Brasil alcançasse notoriedade na literatura de viagem mundial na época.

Figura 21 - Vila Rica por Spix e Martius, 1818, (Viagem pelo Brasil 1817 / 1820). Litografia.



Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=727669697373470&set=a.573381866135588>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Figura 22 - Litografias por Hermann Burmeister, 1853: Igreja de São Francisco com o antigo Pelourinho de Vila Rica demolido em 1856; Capela do Bonfim, rua na parte baixa da cidade; e Casa de Câmara e Cadeia em Ouro Preto.



Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3425>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Dentre variadas formações dos viajantes, vieram também pintores, dos quais podemos destacar nomes como Jean-Baptist Debret (1768-1848) e Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) da *Missão Artística Francesa*¹⁸ de 1816; Thomas Ender, que fez parte da *Missão Austríaca* de 1817, trazida pela Princesa Leopoldina¹⁹; o alemão Johann Moritz Rugendas, integrante da *Missão Científica do Barão de Langsdorff*²⁰ de 1822, entre outros. Há também, aqueles viajantes que desembarcaram por aqui sem pertencer a nenhuma expedição específica, como os franceses Émile Rouède (1848-1908) e Arnaud Julien Pallière (1784-1862), e John Mawe, já citado anteriormente, vindo ao Brasil a convite de D. João VI, deixando importantes registros, mesmo a pintura não sendo sua principal formação.

¹⁸ A Missão tem origem no esforço de Joachim Lebreton, secretário perpétuo da *Académie des Beaux-Arts de l'Institut de France* que, com o apoio de Dom João VI e do Conde da Barca, Antônio Araújo Azevedo, traz ao país um grupo de artistas e técnicos, entre os quais, os pintores Nicolas Antoine Taunay e Debret, o escultor Auguste-Marie Taunay e o arquiteto Grandjean de Montigny.

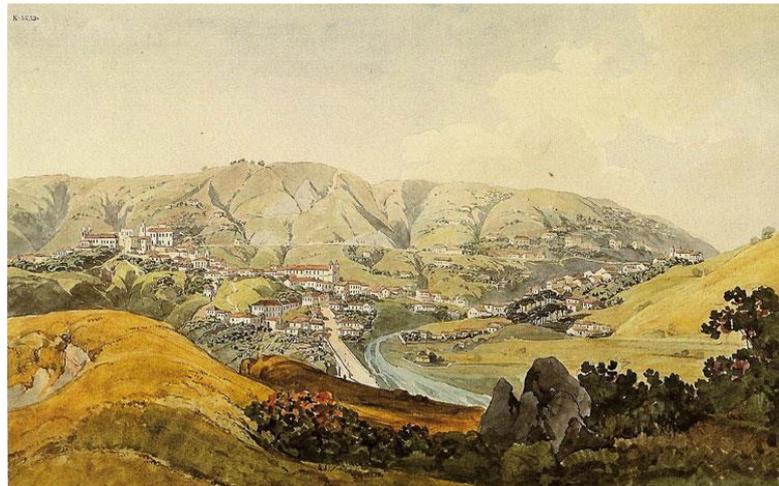
¹⁹ Enviada pelos governos da Áustria e da Baviera, vieram, junto com a arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo que se casaria com o príncipe regente Pedro de Alcântara, futuro Imperador Dom Pedro I, um conjunto de sábios e artistas destacados, como os zoólogos Johan Baptiste Von Spix e Johann Natterer; os botânicos Karl Friedrich Philipp von Martius, Johann Sebastian Mikan, e Johann Emanuel Pohl, além do pintor Thomas Ender.

²⁰ Realizada com iniciativa de Grigory Ivanovitch Langsdorff, cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro, entre os anos de 1821 e 1829.

Com eles, o paisagismo da pintura ingressou como gênero no país nas primeiras décadas do século XIX. A partir deste período, foram muitas as paisagens retratadas, que se mostram hoje como um importante registro documental da época. São representações constituídas a partir das vivências e expectativas desses estrangeiros, que encontraram no “Novo Mundo” paisagens muito diferentes das que estavam acostumados a ver, e que provavelmente os estimularam, permitindo novas possibilidades artísticas.

Thomas Ender, por exemplo, registrou paisagens da antiga Vila Rica sob diferentes pontos de observação, com riqueza de detalhes que nos permitem observar como o território foi moldado e a natureza modificada, não sendo difícil identificar os edifícios que nos dão referência do lugar. Pintor, aquarelista, gravador e desenhista, nasceu em Viena, Áustria, em 1793, e veio ao Brasil integrando a equipe da expedição científica austríaca, permanecendo cerca de dez meses e produzindo mais de setecentos desenhos e aquarelas das regiões do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais²¹. As figuras 23 a 25 referem-se a pinturas elaboradas pelo artista ao passar por estas terras. Na figura 23, podemos observar a representação da Serra de Ouro Preto ao fundo, cortada pela via de acesso às Lajes e ao Taquaral, além de ocupações subindo a serra na lateral direita, a caminho do antigo arraial de São João. Podemos conferir também a Matriz de Nossa Senhora da Conceição mais ao centro, e as construções localizadas na atual Praça Tiradentes à esquerda.

Figura 23 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.



Fonte: <http://morrodaqueimada.fiocruz.br/desenhos.php>. Acesso em: 20 jul. 2022.

²¹ THOMAS Ender. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11773/thomas-ender>. Acesso em: 10 set. 2022.

Já na figura 24, podemos observar ao fundo a continuação da Serra de Ouro Preto na direção leste, com ocupações mais presentes na atual Rua Santa Rita (da Fumaça), na região mais baixa da serra, dando acesso à Igreja do Padre Faria, e mais acima, à Igreja de Santa Efigênia, ambas localizadas mais à esquerda da pintura.

Figura 24 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.



Fonte: <http://morrodaqueimada.fiocruz.br/desenhos.php>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Na figura 25, podemos identificar a Igreja do Rosário à esquerda, mais abaixo; a Igreja do Carmo ao centro, no topo da montanha; e a Matriz do Pilar mais à direita e abaixo, no fundo do vale. Através da representação do artista, podemos observar que o maior adensamento das ocupações se encontrava ao longo das vias.

Figura 25 - Villa Rica por Thomas Ender, 1817.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra60929/villa-rica-vila-rica-hoje-ouro-preto>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Outro artista que também realizou muitas representações da paisagem ouropretana foi Johann Moritz Rugendas. Nascido em Augsburg, na Alemanha, em 1802, veio ao Brasil como desenhista documentarista da Expedição Langsdorff, incentivado pelos relatos de viagem dos naturalistas Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius e pela obra de Thomas Ender²². Chega ao Rio de Janeiro em 1822, em meio ao processo de independência do país, e somente em 1924, parte em direção a Minas Gerais, passando por São Paulo. Após um desentendimento com Langsdorff, Rugendas abandonou o grupo e continuou sua viagem sozinho, passando por diversas regiões do país, retornando à sua terra natal em 1825.

Figura 26 - Vila Rica no início do século XIX por Rugendas, representando os fundos de Ouro Preto, nas proximidades da atual estação ferroviária



Fonte: <https://i.pinimg.com/736x/7f/1c/30/7f1c30bc6875c44a31c774382c922448.jpg>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Em seus trabalhos, retrata paisagens naturais e cenas do cotidiano da população brasileira. Nas figuras 26 a 29, podemos observar o destaque dado ao artista aos aspectos naturais da antiga Vila Rica, com a presença marcante das araucárias e da Serra do Itacolomi²³ (Figura 27), que sempre se apresentou como referência natural do território, desde a chegada dos primeiros desbravadores.

²² JOHANN Moritz Rugendas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>. Acesso em: 11 set. 2022.

²³ A palavra itacolomy vem da língua tupi e significa “pedra menino”, os índios viam o pico como o “filhote” da montanha ou “pedra mãe”. Fonte: <http://www.ief.mg.gov.br/component/content/article/193-parque-estadual-do-itacolomi>. Acesso em: 12 set 2022.

Figura 27 - Cidade Imperial de Ouro Preto, 1824, por Rugendas. Aquarela e nanquim.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5761/cidade-imperial-de-ouro-preto>. Acesso em: 06 ago. 2022.

Figura 28 - Litografias por Rugendas (1822/1825): Villa Rica; e Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61557/villa-rica>. Acesso em: 06 ago. 2022.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra20252/festa-de-santa-rosalia-padroeira-dos-negros>. Acesso em: 06 ago.2022.

Figura 29 - Lavagem do minério de ouro, proximidades da montanha de Itacolomi, (1822/1825), litografia por Rugendas.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5767/mineradores>. Acesso em: 06 ago.2022.

Arnaud Julien Pallière, pintor, desenhista, litógrafo, decorador e professor, nasceu na França em 1784, e chega ao Brasil em 1817, no mesmo navio em que viajava a princesa Maria Leopoldina. O artista estabelece seu ateliê no Rio de Janeiro, e no começo da década de 1820 realiza pinturas de vistas de cidades nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais a pedido de Dom João VI²⁴. Na figura 30 podemos ver amplos panoramas de Vila Rica, realizados por ele em 1820.

²⁴ ARNAUD Julien Pallière. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22523/arnaud-julien-palliere>. Acesso em: 11 set. 2022.

Figura 30 - Vila Rica por Arnaud Julien Pallière, 1820. Óleo s/ tela.



Fonte: rafaelflaneur.wordpress.com. Acesso em: 05 ago. 2022.

Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=678120655661708&set=a.573381866135588>. Acesso em: 14 set. 2022.

Outro estrangeiro que também veio ao Brasil foi o francês Émile Rouède (Figura 31), nascido em 1848, na cidade de Avignon. Pintor e jornalista, entre outras vocações, chegou ao Brasil por volta de 1880, fixando-se no Rio de Janeiro e atuando na imprensa carioca no decorrer da década, sendo também professor no Liceu de Artes e Ofícios do Rio²⁵.

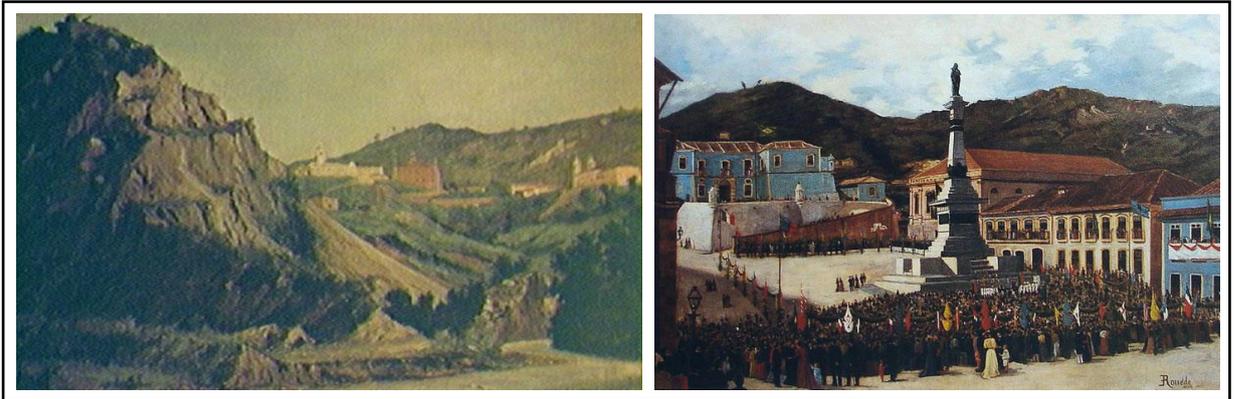
Segundo Oliveira (2017), ao aderir à oposição ao mandato do segundo presidente republicano, Marechal Floriano Peixoto (1891-1894), Rouède encaminhou-se para Minas Gerais fugindo da agressiva reação da presidência aos seus opositores, em fins de 1893. Estabelecido em Ouro Preto, retomou a pintura de cavalete, e além de escrever artigos para jornais sobre as artes mineiras, lecionou desenho e pintura, e teve participação ativa na vida cotidiana da cidade²⁶, desenvolvendo um afeto pelo local. Pintou também vistas do antigo

²⁵GIANNETTI, Ricardo. Emílio Rouède. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_rouede.htm. Acesso em: 11 set. 2022.

²⁶Idem.

Curral Del Rei, encomendadas pela Comissão Construtora da Nova Capital, e escreveu sobre o processo de mudança da capital do estado para Belo Horizonte²⁷, apresentando preocupação, que parecia ser compartilhada coletivamente, quanto aos cuidados necessários para a preservação da memória e do passado da antiga Vila Rica (OLIVEIRA, 2017, p. 346). Posteriormente, Rouède se mudou para Itabira e em seguida para Santos, onde faleceu em 1908.

Figura 31 - Ouro Preto por Émile Rouède: Paisagem Fluvial, 1892; e Inauguração da Estátua de Tiradentes em Ouro Preto, 1894. Óleo s/ madeira e tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra20661/paisagem-fluvial-mg>. Acesso em: 11 set. 2022.

Fonte: <http://joserosarioart.blogspot.com/2011/10/ouro-preto.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

A antiga Vila Rica recebeu a visita de muitos destes personagens que descreveram minuciosamente sua paisagem, deixando um rico acervo histórico e iconográfico do passado, que nos possibilita identificar e analisar as modificações ocorridas no espaço, com importantes informações sobre a preservação e expansão urbana da cidade, além de auxiliar na compreensão da sociedade da época. O aspecto urbano foi o que mais atraiu a atenção dos viajantes, que, na maioria dos registros, retrataram a paisagem constituída do núcleo urbano circundado pela vegetação, possibilitando pontos de vista variados.

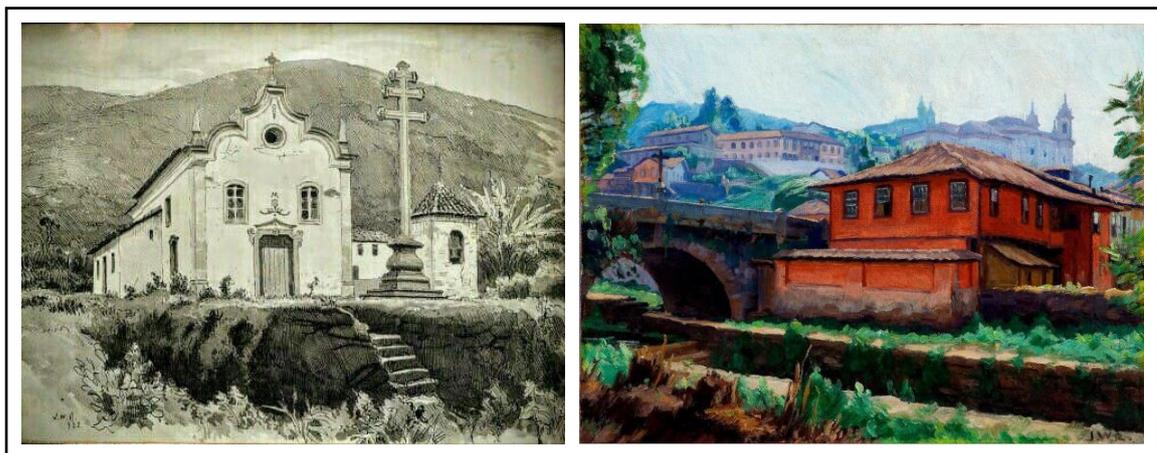
Em 1816 é inaugurada no Brasil a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios por Decreto-lei de Dom João VI, que em 1826 se tornaria a Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) do Rio de Janeiro, e posteriormente Escola Nacional de Belas Artes (EBA). A Missão Artística Francesa foi contratada para inaugurar as atividades da instituição, que possuía o ensino artístico nos moldes semelhantes aos das academias de arte europeias. Diversos artistas franceses atuaram como professores, como Debret e Nicolas Taunay, citados anteriormente. A

²⁷Enquanto esteve em Ouro Preto, Rouède escreveu para o jornal *Le Brésil Republicain*, periódico publicado no Rio de Janeiro em francês. Sua coluna era intitulada *Correspondance* de Ouro Preto (OLIVEIRA, 2017, p.346).

partir de 1831, a instituição passou a se dedicar somente às artes, especialmente nas áreas de pintura histórica, paisagem, arquitetura e escultura.

Segundo Giannetti (2017)²⁸, em fins do século XIX, a história da arte brasileira passa a registrar um movimento significativo de artistas, muitos destes com formação pela Academia de Belas Artes complementada por estágios feitos na Europa. Ao retornar ao Brasil, estes artistas constroem aqui suas trajetórias profissionais. De acordo com Andriolo (2014), nas idas e vindas entre a Europa e o Brasil, formou-se entre nós todo um imaginário da paisagem pictórica no qual se encontram variações de técnica e estilo, sem, no entanto, grandes rupturas com o plástico clássico até a segunda década do século XX. José Wash Rodrigues, Edésio Esteves (Figura 33) e Edgar Walter (Figura 34) são exemplos de pintores brasileiros com passagens por outros países, os dois últimos com formação também pela AIBA, que com suas obras influenciaram muitos outros nomes da pintura brasileira. José Wash Rodrigues, assíduo frequentador de Ouro Preto, foi um dos colaboradores da Inspeção dos Monumentos Nacionais, órgão anterior à criação do IPHAN, vinculado ao Museu Histórico Nacional, que na década de 1930 realizou obras de restauração pela cidade. O artista deixou inúmeros registros, apresentando com riqueza os detalhes da arquitetura colonial (Figura 32).

Figura 32 - Ouro Preto por José Wash Rodrigues: Capela do Padre Faria, 1922; e Paisagem de Minas Gerais 1932. Desenho e óleo s/ tela.



Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=758999720907134&set=a.573381866135588> Acesso em: 11 set. 2022.

²⁸GIANNETTI, Ricardo. O ateliê de pintura de Honorio Esteves. In: VALLE, A. et al. Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. 2017. p. 243-261.

Figura 33 - Paisagem de Ouro Preto por Edésio Esteves, 1972; 1979. Óleo s/ tela.



Fonte: http://www.galeriafirenze.com.br/?pg2=leilao_interna&id=13. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 34 - Ouro Preto por Edgar Walter, 1971; 1974. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://errol.com.br/dez2020/>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=264112>. Acesso em: 06 set. 2022.

Esse contexto não é muito diferente daquele que se encontrava em Ouro Preto. Segundo Sylvio de Vasconcellos, nas duas últimas décadas do século XIX, constituiu-se na cidade um grupo de pintores “já inteiramente desligados da tradição barroca, mas, ao que parece, em dia com as últimas novidades europeias” (VASCONCELLOS, 1959, p. 94 apud OLIVEIRA, 2017, p. 342). Alberto Delpino, Belmiro de Almeida, e Honório Esteves são alguns dos artistas que faziam parte deste grupo e que possuíam formação na AIBA. De acordo com a historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, o grupo de pintores reunidos em Ouro Preto introduziu em Minas “o neoclassicismo acadêmico, cuja rigidez, diga-se de passagem, já se atenuara bastante neste fim de século, sob o influxo de novas correntes, como o paisagismo ao ar livre de Georg Grimm” (OLIVEIRA, 1982, p.155 apud OLIVEIRA, 2017, p. 342). A

paisagem mineira se destacou como tema predileto desses pintores, que “suplantando aos poucos o formalismo acadêmico [...], chegariam a produzir, no gênero, obras de grande sensibilidade, refletindo a natureza e luminosidade próprias da região mineira” (OLIVEIRA, 1982, p. 155 apud OLIVEIRA, 2017, p. 343).

Ouropretano, Honório Esteves do Sacramento (Figuras 35 e 36) nasceu no distrito de Santo Antônio do Leite, no ano de 1860. Procurando desenvolver seus estudos em desenho desde muito jovem, teve contato com importantes intelectuais, que o direcionaram e o incentivaram em sua vocação. Passou pela escola de desenho do professor francês August Chenot, onde se matriculou em 1871, e no mesmo ano tornou-se, por iniciativa própria, moedor de tintas no ateliê do pintor português Cardoso Rezende, em Ouro Preto²⁹.

Figura 35 - Ouro Preto por Honório Esteves: Panorama da freguesia de Antônio Dias 1893; e Igreja de Santa Efigênia, 1894. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.drartesleiloes.com.br/destaques.asp?Num=6932&pag=7&tipo=>. Acesso em: 11 set. 2022.

Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/pinturas/artista/Honorio%20Esteves/>. Acesso em: 11 set. 2022.

Empenhado em se tornar um grande pintor, na condição de beneficiário de uma pensão de estudos oferecida pela Província de Minas, ingressou na Academia Imperial do Rio em 1883, tendo estudado com os professores Victor Meirelles, Pedro Americo, João Zeferino da Costa e Rodolpho Amoêdo, fundamentais na sua formação³⁰. Retornou a Ouro Preto em 1890, participou de exposições, lecionou, e consolidou sua carreira nos gêneros do retrato e das pinturas paisagísticas à óleo, possuindo também uma marcante atuação política na luta pela

²⁹ ROCHA, Tássia Christina Torres. O Pensamento Preservacionista no século XIX: O pioneirismo de Honório Esteves. 2017. 89f. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, *Campus* Ouro Preto.

³⁰Idem.

salvaguarda do patrimônio histórico e artístico ouropretano, demonstrando seu olhar crítico através de artigos publicados em jornais da época. Esteves faleceu em 1933.

Figura 36 - Panorama de Ouro Preto, vista tomada do adro da igreja de S. Francisco de Paula, 1908, por Honório Esteves. Óleo s/ tela.



Fonte: GIANNETTI, Ricardo. O ateliê de pintura de Honório Esteves. In: VALLE, A. et al. Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. 2017.

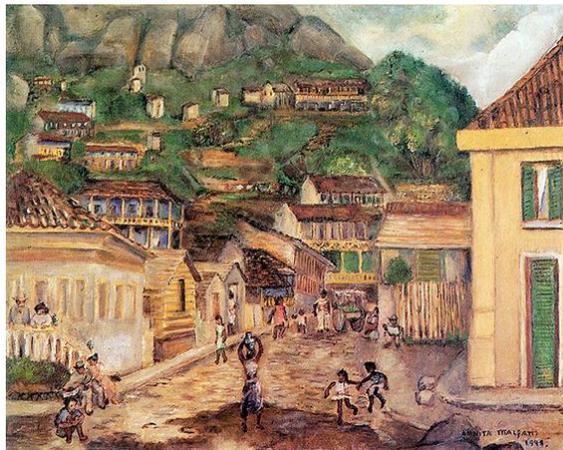
A iniciativa da criação da Academia Imperial foi um passo significativo para as artes plásticas do país, fazendo com que pintores nacionais ganhassem mais espaço, e, cada qual a seu modo, mantivesse o gênero paisagístico em alta no Brasil. Com o passar do tempo, os artistas vão experimentando outras possibilidades que vão trazendo à tona outros talentos e contextos da história nacional.

Como vimos, o interesse pela história colonial e pela arte barroca, sobretudo mineira, se fortaleceu com os modernistas no século XX, a partir da viagem realizada pelo interior do estado³¹, em 1924, na busca de referências nacionais. O papel de destaque foi atribuído a Minas Gerais por ser considerado o Estado onde a brasilidade teria se desenvolvido de maneira mais espontânea e autêntica, uma vez que estava mais distante dos centros litorâneos e sofria, assim, menos influência da metrópole portuguesa (NATAL, 2007, p. 121). Nas décadas seguintes à viagem, o interesse se intensificou, resultando, entre outras ações, em manifestações literárias e artísticas dedicadas às cidades históricas mineiras. A paisagem e a arquitetura barroca dessas cidades desempenharam um importante papel na obra de poetas e artistas, sendo usadas como temas para a produção de uma autêntica arte brasileira (GONÇALVES, 1996, p.

³¹ Participaram da viagem Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seu filho Nonê, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado, René Thiollier, Blaise Cendrars e Godofredo da Silva Telles (AMARAL, 1997 apud NATAL, 2007).

69-70 apud NATAL, 2007, p. 165). Entre os poetas, há nomes como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, entre outros. Já na pintura, importantes nomes como Anita Malfatti (Figura 37), Alfredo Volpi (Figura 38), Candido Portinari, Di Cavalcanti (Figura 39), Djanira (Figura 40), entre outros, retrataram as paisagens mineiras em seus trabalhos.

Figura 37 - Paisagem de Ouro Preto, 1948, por Anita Malfatti. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1398/paisagem-de-ouro-preto>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 38 - Paisagem de Ouro Preto, dec. 1940, por Alfredo Volpi. Óleo s/ cartão.



Fonte: <https://www.ampliartleiloes.com.br/peca.asp?ID=1513850>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 39 - Casa dos Contos - Ouro Preto, dec. 1950, por Di Cavalcanti. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.leilaoarte.com/leilao/2021/marco/122/di-cavalcanti-casa-dos-contos-ouro-preto-21687/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 40 - Igreja de Antônio Dias, 1955, por Djanira. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2457/igreja-de-antonio-dias>. Acesso em: 15 set. 2022.
 Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3> Acesso em: 25 set. 2022.

De acordo com Cunha (2014, p. 61), a presença dos modernistas e seus inúmeros trabalhos, com foco na cidade, conferiu à Ouro Preto uma importância fundamental no processo de sua construção como relíquia da nação e na formulação dos discursos sobre a preservação do patrimônio no Brasil. Muitos destes artistas se inspiraram na paisagem ouropretana, destacando suas características singulares, relacionando suas construções coloniais com a natureza que as envolve, tornando-se um tema recorrente e indicando a existência de uma tradição paisagística deste tipo de representação da cidade, que oferece uma diversidade de cenários. Para Andriolo (2014), os discursos nacionalistas que enraizaram a cidade no imaginário brasileiro encontraram importantes mediações nos desenhos de Tarsila do Amaral e nas pinturas de Alberto da Veiga Guignard.

Iniciando sua formação artística em São Paulo, dando continuidade a seus estudos em Paris, a pintora e desenhista Tarsila do Amaral (1886-1973) foi influenciada por vanguardas europeias, especialmente pelo cubismo, criando um estilo próprio, explorando formas, temáticas e cores na busca por uma pintura de caráter tipicamente brasileiro³². Ao participar da viagem de 1924 pelo interior de Minas, a artista paulistana deixou registros de suas percepções em desenhos mais simplificados, desenvolvidos com traços soltos e econômicos (Figura 41). Para Brandão (2000), o passado materializado na arquitetura preservada das cidades mineiras foi recriado sob uma nova forma de olhar nos desenhos da artista, fazendo parte de uma reconstituição ou montagem do século XVIII para uma linguagem cubista, com a redução das formas aos seus elementos essenciais, reordenados sobre o papel.

Figura 41 - Vista de Ouro Preto; Dois Panoramas: Ouro Preto e Mariana, 1924, por Tarsila do Amaral. Lápis s/ papel.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35546/vista-de-ouro-preto>. Acesso em: 06 set. 2022.

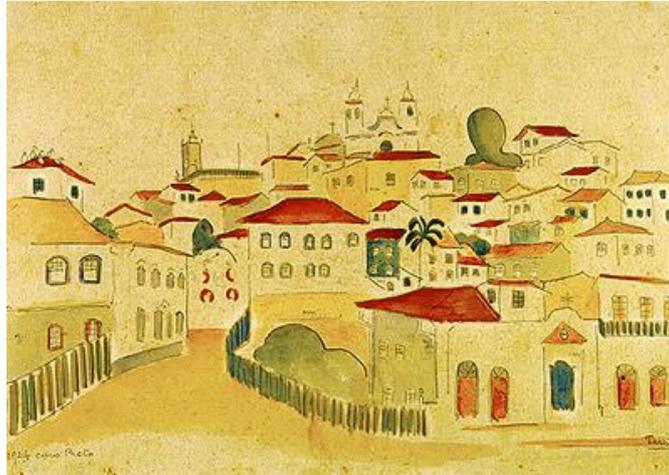
Em suas representações de Ouro Preto, registra vistas panorâmicas da cidade, com seu casario aglomerado envolto pelas serras, sem definição das ruas e calçadas. Representações harmoniosas da paisagem da cidade, com o espaço urbano integrado a natureza, representada pela topografia e vegetação. Nas cores das cidades mineiras, descobriu sua inspiração maior, as empregando posteriormente em uma série de trabalhos que deram início à chamada fase “Pau Brasil”³³, tornando uma das marcas de sua obra. Em suas palavras, Tarsila diz ter encontrado em Minas as cores que adorava em criança, “(...) ensinaram-me depois que eram feias e caipiras.

³² TARSILA do Amaral. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa824/tarsila-do-amaral>. Acesso em: 06 set. 2022.

³³ Pau Brasil 1924-1928. In: Site Tarsila do Amaral. Disponível em: <https://tarsiladoamaral.com.br/portfolios/pau-brasil-1924-1928/>. Acesso em: 09 set. 2022.

Segui o ramerrão do gosto apurado (...), mas vinguei-me da opressão passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante”³⁴.

Figura 42 - Paisagem de Ouro Preto, 1924, por Tarsila do Amaral. Aquarela s/ papel.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61420/paisagem-de-ouro-preto>. Acesso em: 06 set. 2022.

Já Alberto da Veiga Guignard conheceu Ouro Preto em 1942 (Figura 43), em uma viagem que recebeu como Prêmio do Salão Nacional do Rio de Janeiro³⁵. A partir daí, teve a paisagem da cidade como tema de representação de muitas de suas obras até o final de sua vida, no ano de 1962. Nascido em Nova Friburgo, município do Rio de Janeiro, em 1896, o pintor desenvolveu seus estudos na Europa, onde permaneceu dos onze aos trinta e três anos, se formando em pintura pela Real Academia de Belas Artes de Munique, na Alemanha, somado a especializações em Florença e Paris. Retornou ao Brasil em 1929, e tornou-se um dos mais importantes pintores modernistas do país, participando de inúmeras exposições nacionais e internacionais, além de lecionar em instituições, como na Fundação Osório, no Rio, e na Escola de Belas Artes, em Belo Horizonte.

³⁴ Tarsila do Amaral apud BRANDÃO, Angela. Os desenhos das cidades históricas de Minas Gerais por Tarsila do Amaral. In: I Colóquio Internacional de História da Arte - Paisagem e Arte, a invenção da natureza, a evolução do olhar. Comitê Brasileiro de História da Arte, São Paulo, v. 1, p. 415-422, 2000.

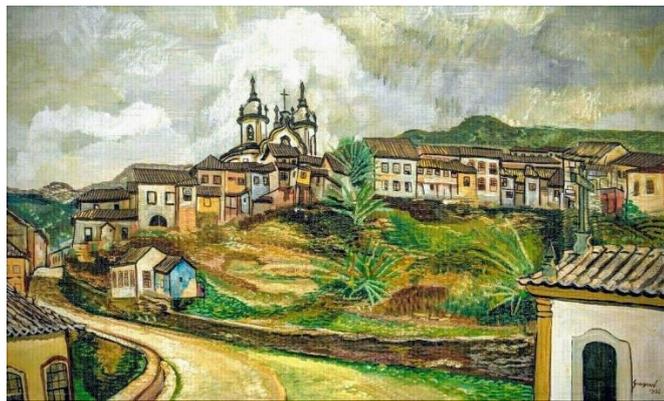
³⁵ SANTOS, 2003, p.4 apud ASSUMPÇÃO, Ana Laura. Paisagens imaginantes: a experiência perceptiva de Guignard em Ouro Preto por meio da representação pictórica. In.: Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. UNESP. 2018. p. 2371.

Figura 43 - Desenhos da primeira estadia de Guignard em Ouro Preto, 1942, publicado no Suplemento Literário “A Manhã”, do Rio.



Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 25 set. 2022.

Figura 44 - Paisagem de Ouro Preto, 1946, por Guignard. Óleo s/ tela.

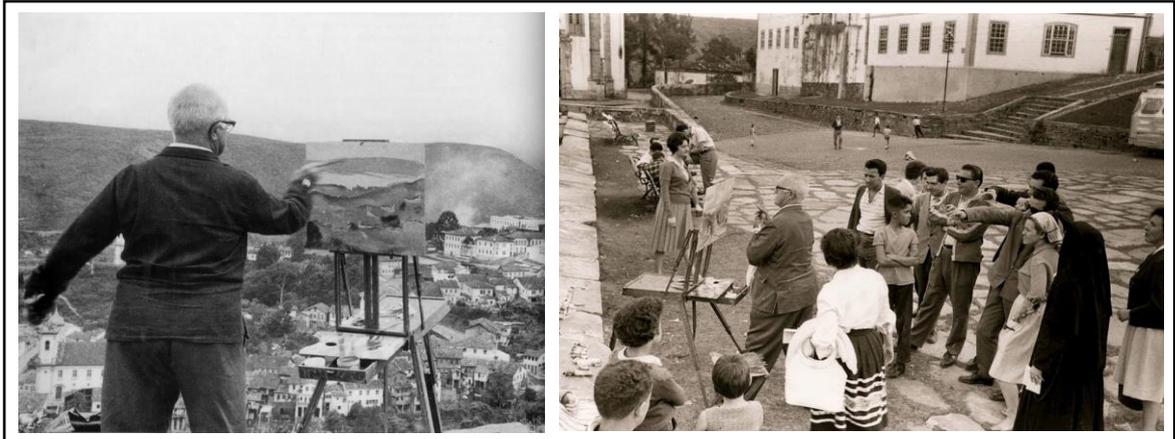


Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 25 set. 2022.

Segundo Ribeiro (2008), diferentemente do anseio de alguns de seus contemporâneos por “estilos renovadores” da modernidade, ao mesmo tempo comprometidos com a “realidade” e as “peculiaridades locais”, o pintor conquista a sua poética de transfiguração no curso de um processo lento, interno e alheio à retórica modernista de racionalização e progresso da forma³⁶. A pintura de paisagens foi um dos pontos fortes de suas produções pictóricas, encontrando nas montanhas de Minas Gerais grande inspiração.

³⁶ RIBEIRO, José Augusto. Catálogo Exposição Um mundo a perder de vista – Guignard. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil. 9 de dezembro de 2008 a 8 de março de 2009.

Figura 45 - Guignard pintando paisagens em Ouro Preto, 1961 e 1962.

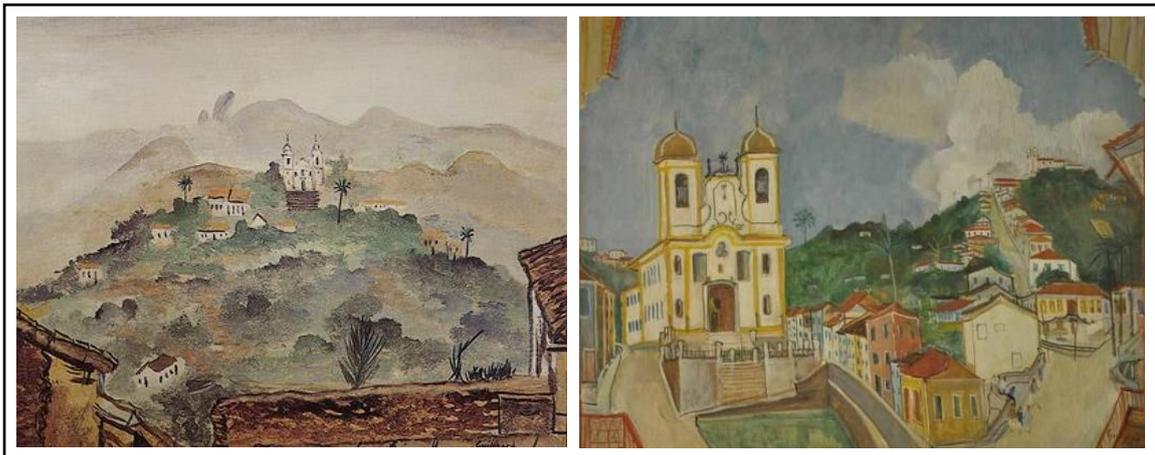


Fonte: Luiz Alfredo, Acervo Museu Casa Guignard.

Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/imaginacao/artes-visuais/modernistas#&gid=1&pid=1>.

Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 46 - Ouro Preto por Guignard, 1951;1962. Óleo s/ tela.

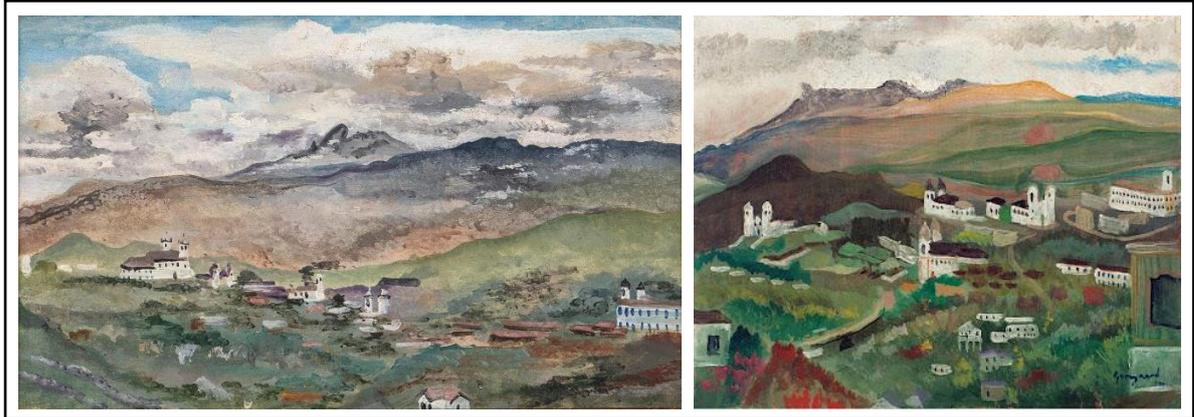


Fonte: RIBEIRO, José Augusto. Catálogo Exposição Um mundo a perder de vista – Guignard. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil. 9 de dezembro de 2008 a 8 de março de 2009.

Suas produções são diretamente ligadas à sua experiência com o lugar. Passando longas temporadas em Ouro Preto, se hospedando em hotéis e casas de amigos, percorria as ruas de pedra com seu cavalete, à procura de pontos estratégicos de contemplação da paisagem (Figura 45), articulando os aspectos arquitetônicos e o cotidiano dos moradores. Após se mudar para Belo Horizonte em 1944, passou a manter uma relação mais próxima com a antiga Vila Rica, desempenhando, com o passar dos anos, um olhar mais íntimo e uma sensação cada vez maior de pertencimento, o que trouxe mudanças ao seu estilo de representação, passando a ser caracterizada por uma paisagem mais fluida, com maior liberdade, utilizando-se mais da imaginação. A partir de sua sensibilidade, percepções e experimentações, advindas de sua relação com o local e seus elementos, o artista foi desenvolvendo seu estilo único de

representação da cidade histórica, demonstrando um processo de construção de uma Ouro Preto particular, vista de cima, com suas casas e igrejas sobre as montanhas, flutuando em meio a brumas junto a balões de São João, que remetiam a lembranças de sua infância (Figuras 48 e 49).

Figura 47 - Paisagens de Ouro Preto por Guignard, 1949; s/d. Óleo s/ madeira.



Fonte: <https://www.almeidaedale.com.br/pt/artistas/alberto-da-veiga-guignard>. Acesso em: 06 set. 2022.
 Fonte: <https://leiovejoeescuto.blogspot.com/2015/08/guignard-ouro-preto.html>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 48 - Paisagem Onírica de Ouro Preto; e Ouro Preto Noites de Junho, 1960, por Guignard. Óleo s/ tela.



Fonte: <http://joseosarioart.blogspot.com/2011/10/ouro-preto.html>. Acesso em: 06 set. 2022.
 Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 49 - Paisagens Imaginantes, 1939,1947, 1953, por Guignard. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://arteeartistas.com.br/paisagens-imaginantes-pinturas-de-alberto-da-veiga-guignard/>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: http://www.galeriafirenze.com.br/?pg2=leilao_interna&id=13. Acesso em: 06 set. 2022

Fonte: <https://www.almeidaedale.com.br/pt/artistas/alberto-da-veiga-guignard>. Acesso em: 06 set. 2022

Guignard encantou-se pela cidade, chamada por ele de “amor-inspiração”³⁷. Soube explorar e interagir com suas paisagens e pessoas, expressando-se através de um olhar poético e deixando uma grande contribuição para a arte brasileira, tornando-se influência para tantos outros artistas no país. Com seu ensino, pautado na disciplina e liberdade de criação artística³⁸, foi responsável pela formação de uma geração de artistas. Nomes como José de Souza Estêvão (Figura 50), Chanina Luwicz Szejnbejn (Figura 51), Petrônio Bax Pereira (Figura 52), Wilde Lacerda (Figura 53) e Yara Tupynambá (Figura 54), são exemplos de artistas que foram alunos de Guignard e também possuem Ouro Preto como cenário de algumas de suas produções.

³⁷ Em texto autobiográfico publicado no catálogo da exposição retrospectiva “Guignard”, realizada no Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte, em 1961, o artista escreve que se “enamorado desde o primeiro dia” da paisagem de Belo Horizonte e que Ouro Preto é sua “cidade amor-inspiração”. In: RIBEIRO, José Augusto Pereira. *Guignard e o ambiente artístico no Brasil nas décadas de 1930 e 1940*. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

³⁸ RIBEIRO, Marília Andrés. O modernismo brasileiro: arte e política. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007. p. 122.

Figura 50 - Ouro Preto por José de Souza Estêvão, 1960 e 1969. Óleo s/ tela.

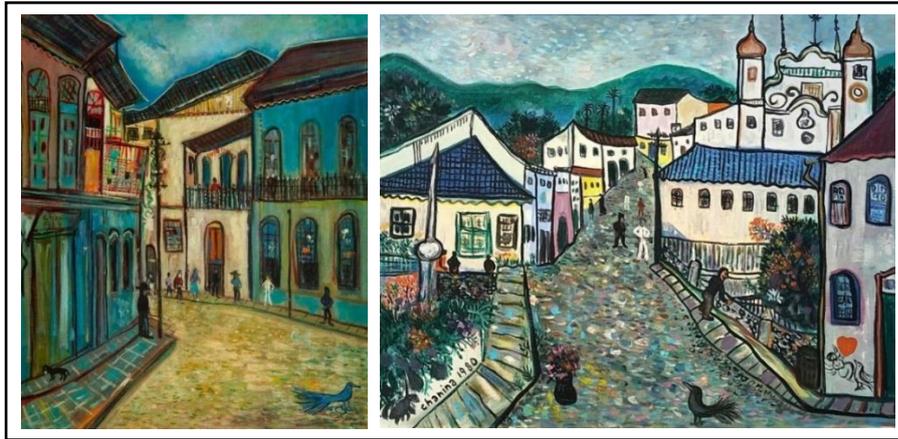


Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=772993816174391&set=a.573381866135588>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra37814/sem-titulo>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 51 - Rua de Ouro Preto 1969, e Primavera em Ouro Preto 1980, por Chanina Luwiz Szejnbejn. Óleo s/ tela.



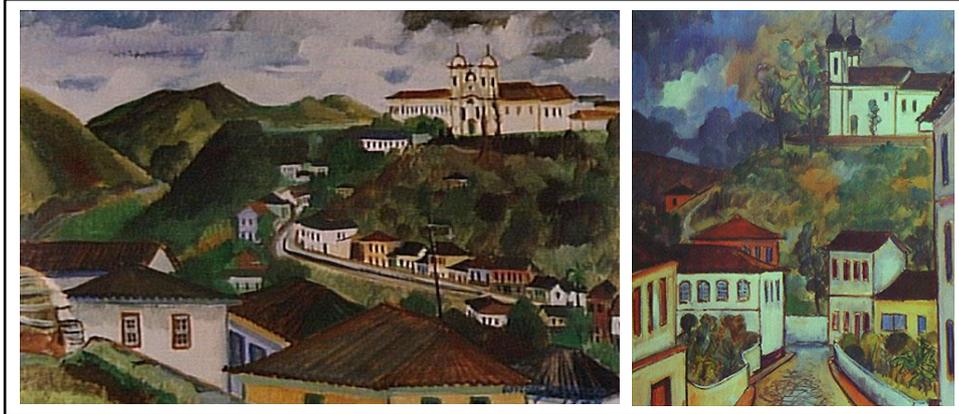
Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/PzcPeD/>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 52 - Ouro Preto, 1972 e 1977, por Petrônio Bax Pereira. Óleo s/ tela.



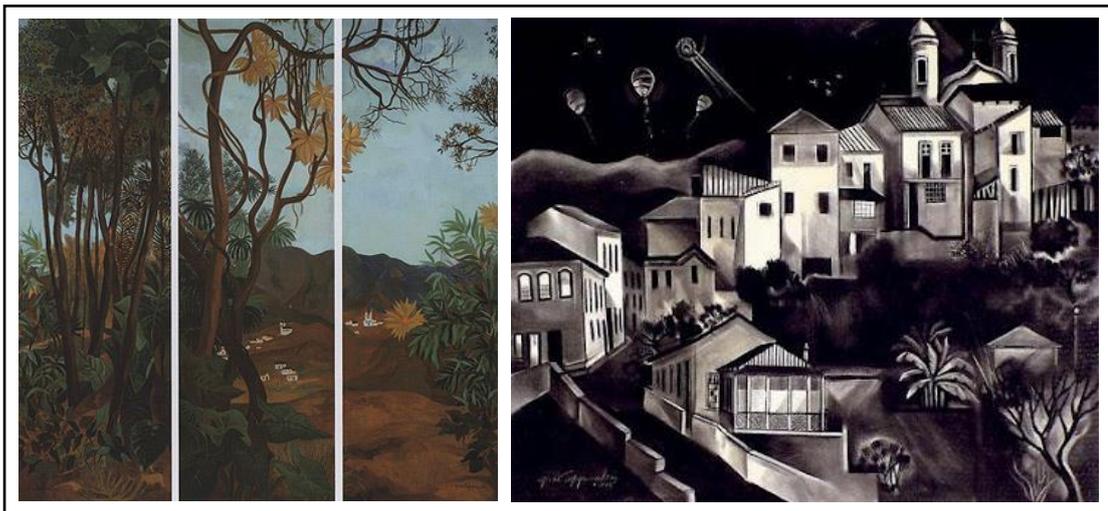
Fonte: http://www.galeriafirenze.com.br/?pg2=leilao_interna&id=13. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 53 - Paisagens de Ouro Preto, 1979, por Wilde Lacerda. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra16340/paisagem-de-ouro-preto>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 54 - Ouro Preto por Yara Tupynambá: (Tríptico), 1957; e Noturno de Ouro Preto, 2005. Óleo s/ madeira.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66870/ouro-preto-triptico>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <http://ummetroquadradoarteporfavor.blogspot.com/2009/05/noturno-de-ouro-preto-e-noturno-de-ouro.html>. Acesso em: 06 set. 2022.

Junto a nomes como Émeric Marcier (Figura 55), Herculano, Inimá de Paula (Figura 56), Mário Silésio, Yoshiya Takaoka (Figuras 57 e 58), Sara Ávila, Maria Helena Andrés, compõe um cenário de pintores que representam a paisagem na arte moderna em Minas Gerais (ALBUQUERQUE, 2018)³⁹.

³⁹ ALBUQUERQUE, Marcelo. *Nova Configuração da Paisagem*. Disponível em: <https://arrealbuquerque.com/2018/04/19/nova-configuracao-da-paisagem/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 55 - Paisagens de Ouro Preto por Émeric Macier, 1944; 1965. Óleo s/ tela.



Fonte: http://www.galeriafirenze.com.br/?pg2=leilao_interna&id=13. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 56 - Vistas de Ouro Preto, 1962, por Inimá de Paula. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra37911/vista-de-ouro-preto>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 25 set. 2022.

Figura 57 - Ouro Preto por Yoshiya Takaoka, 1962. Óleo e aquarela s/ tela.

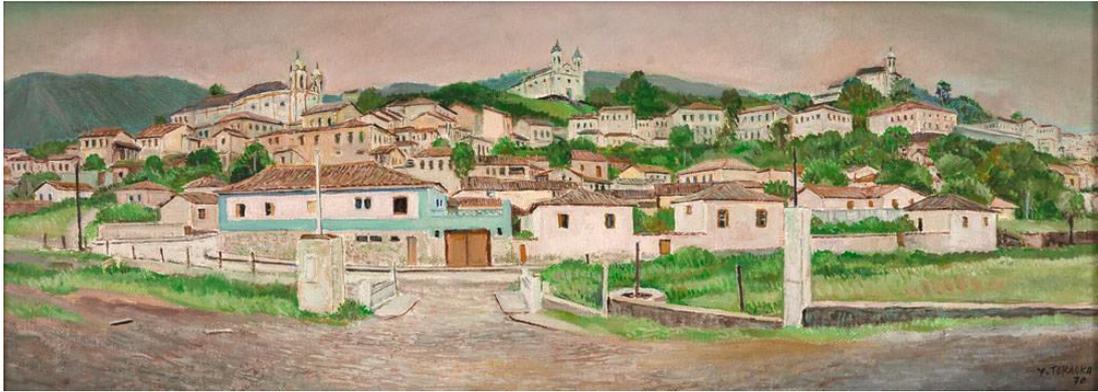


Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra12782/igreja-do-pilar-ouro-preto>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1663278893812541&set=a.573381866135588>. Acesso em: 15 set. 2022.

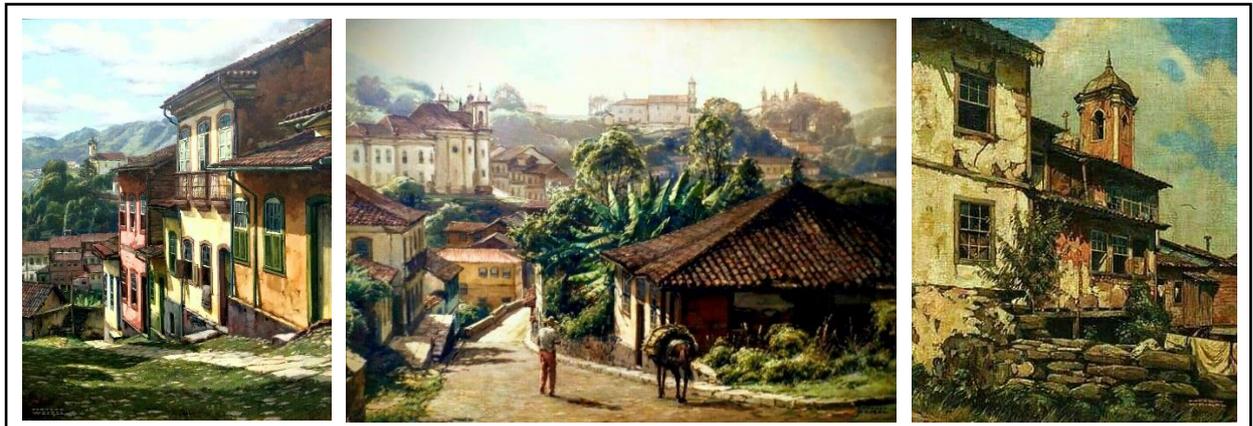
Figura 58 - Paisagem de Ouro Preto, 1970, por Yoshiya Takaoka. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.leilaoarte.com/leilao/2021/maio/132/yoshiya-takaoka-paisagem-de-ouro-preto-22739/>. Acesso em: 15 set. 2022.

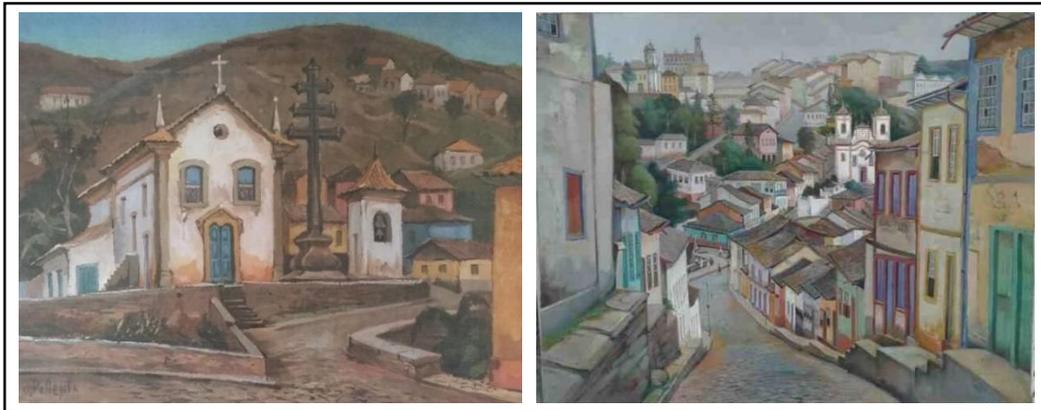
O austríaco Rudolf Weigel (1907/1987) (Figura 59) e o italiano Omar Pellegata (1925-2001) (Figuras 60 e 61) são mais dois exemplos, entre tantos, de artistas que frequentaram e encontraram inspiração na histórica Ouro Preto, e a traduziram em forma de arte. A cidade foi ricamente ilustrada pelos trabalhos de todos estes nomes, ficando eternizada entre as cores e pinceladas.

Figura 59 - Ouro Preto por Rudolf Weigel, s/d. Óleo s/ tela.



Fonte: Álbum Reviva Ouro Preto, por Adenilson José. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 25 set. 2022.

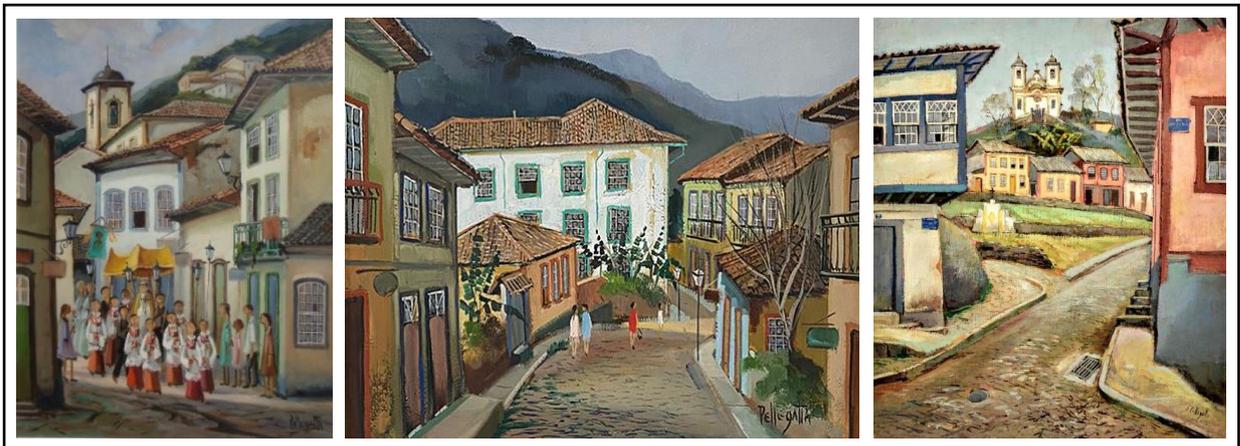
Figura 60 - Ouro Preto por Ommar Pelegatta, s/d. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.oqueoventonaolevou.com.br/peca.asp?ID=2030602>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <https://www.galeriaabaporu.lel.br/destaques.asp?Num=8763&pag=4&tipo=>. Acesso em: 06 set. 2022.

Figura 61 - Ouro Preto por Ommar Pelegatta, s/d. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.galeriaartemresilva.art.br/peca.asp?ID=328067>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <https://galeriadearte.art.br/acervo/omar-pellegatta-2/>. Acesso em: 06 set. 2022.

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 06 set. 2022.

3.2 Artistas do Presente: Século XXI

A paisagem cultural mineira foi e ainda é representada de forma ampla, em diversas obras, diferentes gerações e diversos estilos, incluindo, claro, as paisagens ouropretanas. São muitos os ateliês espalhados pela cidade, e muitos os artistas, que da inspiração em tantos outros do passado, continuam a contribuir para a projeção da cultura ouropretana e mineira.

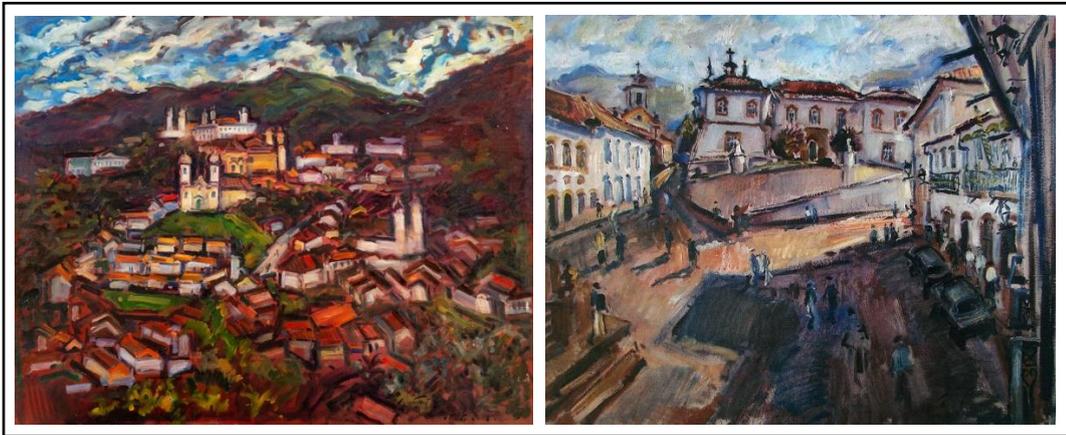
Vimos que a cidade, com todo seu patrimônio e importância, tornou-se, com o passar dos anos, local inspirador de artistas no geral. Sua singularidade, marcada por sua presença entre serras em território de relevo acidentado, e seu conjunto arquitetônico e

urbanístico representativo de diferentes épocas envolto a um ambiente natural marcante na paisagem, continua a oferecer inúmeros ângulos para ser retratada.

Trabalhando com as próprias vivências e observações pela cidade, com as histórias e tradições presentes neste território, somado às lembranças da infância e a criatividade, os artistas da pintura mantêm vivo o imaginário da cidade através de suas obras.

Dos que já se foram, Sérgio Telles (Figura 62), Nello Nuno (Figura 63), Carlos Scliar (Figura 64), Ivan Marquetti (Figura 65), Naldo Navajas (Figura 66), Milton Passos, Vandico, Luiz Antônio Rodrigues (Chiquitão), são alguns nomes.

Figura 62 - Ouro Preto por Sérgio Telles, 2008. Óleo s/tela.



Fonte: <https://errol.com.br/dez2020/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 63 - Ouro Preto por Nello Nuno, 1969; s/d. Óleo s/ duratex.



Fonte: <https://www.guiadasartes.com.br/nello-nuno-de-moura-rangel/quadros-do>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 64 - Ouro Preto por Carlos Scliar: 1973; e Ouro Preto 360°, 1976. Tinta vinílica e colagem s/ tela.



Fonte: <https://caminhosdosmuseus.wordpress.com/2016/06/20/carlos-scliar-no-paco-dos-acorianos/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/2016/03/carlos-scliar.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 65 - Ouro Preto por Ivan Marquetti: Vista das Lages, 1988; e Igreja do Pilar, 1962. Óleo s/ madeira.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13109/ouro-preto-vistas-das-lages>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: <https://www.ernanileiloeiro.com.br/peca.asp?ID=42159>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 66 - Ouro Preto por Naldo Navajas: Tropeiro e Igreja do Rosário, 2010; Tropeiro Rua São José, s/d. Óleo s/ tela.



Fonte: <http://naldonavajas.blogspot.com/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Vanderley Alexandre da Silva, conhecido por Vandico (Figura 67), é natural de Ouro Preto e nasceu em 1936. Pintor, poeta, escritor, músico e compositor, apaixonado pela cidade, desenvolveu pinturas com suas paisagens e casarios, além de compor muitos sambas enredo e escrever livros sobre histórias da antiga Vila Rica. Vandico começou a pintar ainda na infância, época em que ganhava restos de tinta do primo pintor Eugênio Diogo e observava o trabalho de Guignard pelas ruas da cidade⁴⁰.

Figura 67 - Ouro Preto por Vandico: Pilar, s/d; Fundos do Palácio Velho, 2009. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://salaouopreto.blogspot.com/search?q=vandico>. Acesso em: 15 set. 2022.

⁴⁰Fonte: <https://museudainconfidencia.wordpress.com/2008/08/27/sala-manoel-da-costa-athaide-recebe-exposicao-de-vandico/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Ao lado da casa de Vandico, no bairro Pilar, morava o também artista Luis Antônio Rodrigues, popularmente conhecido como Chiquitão (Figura 68). Multiartista, era cenógrafo, ilustrador, pintor, restaurador e também colecionador de antiguidades, nasceu em Ouro Preto em 1956. Representou em suas aquarelas paisagens mineiras, chegando a percorrer, por mais de dois anos, as cidades que compõem o circuito Estrada Real, relatando seus principais pontos. Assim como Vandico, o multiartista Chiquitão nos deixou no início de 2022.

Figura 68 - Ouro Preto, 1997; Igreja de Santa Efigênia, 1991, por Chiquitão. Aquarela.



Fonte: <https://www.bethleiloes.com.br/peca.asp?ID=6391552>. Acesso em: 15 set. 2022.

Fonte: <https://www.artemclickleiloes.com.br/peca.asp?ID=6032687>. Acesso em: 15 set. 2022.

Outro pintor que representou a velha capital mineira de forma marcante em suas telas foi Milton Passos. Nascido em 1947 no povoado de Felipe dos Santos, Barra Longa - MG, morou grande parte de sua vida em Ouro Preto, onde faleceu em julho de 2021. Segundo o próprio artista, seu estilo é inspirado nas obras de Edgar Walter e também do Guignard (Figura 72), artistas com quem teve contato na infância. Utilizando a técnica de espátulado⁴¹, deu vida e forma a paisagens expressivas, com cores vibrantes e uma luminosidade que atraem e prendem o olhar (Figuras 69 a 71). Em direção ao estilo impressionista, Milton conseguiu representar em suas telas cenas chuvosas e sob neblina, tão características da cidade.

⁴¹ Técnica em que o pincel é substituído pela espátula, depositando-se camadas mais densas de tinta sobre a tela.

Figura 69 - Ouro Preto, 2010, por Milton Passos. Óleo s/ tela.



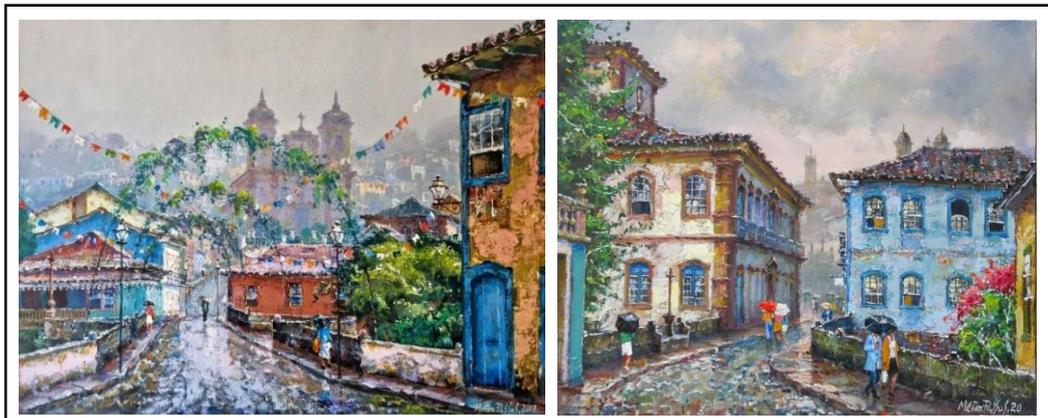
Fonte: Milton Passos. Disponível: <https://www.facebook.com/miltonpassosmg/photos>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 70 - Fim de tarde no Pilar, 2014, por Milton Passos. Óleo s/ tela.



Fonte: Milton Passos. Disponível: <https://www.facebook.com/miltonpassosmg/photos>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 71 - Antônio Dias, 2017; Casa dos Contos em dia chuvoso, 2020, por Milton Passos.
Óleo s/ tela.



Fonte: Milton Passos. Disponível: <https://www.facebook.com/miltonpassosmg/photos>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 72 - Guignard retratando Ouro Preto (homenagem), 2014, por Milton Passos. Óleo s/ tela.



Fonte: Milton Passos. Disponível: <https://www.facebook.com/miltonpassosmg/photos>. Acesso em: 18 set. 2022.

Das idas e vindas de muitos deles, deixando suas contribuições, pintores como Carlos Bracher, Tunico dos Telhados, Annamélia Lopes, Paulo Valadares, Mirim Santos, João Sales, entre muitos outros, ainda se dedicam a dar forma à cidade em seus traços e pinceladas. São artistas que residem na cidade, e dão vida a ela em suas obras, a partir de vastos estilos, deixando suas marcas no cenário artístico contemporâneo.

Nome bastante conhecido nas artes plásticas, Carlos Bracher nasceu em Juiz de Fora, em 1940. De família ligada às artes, veio a Ouro Preto pela primeira vez em 1964, junto da irmã Nívia Bracher para uma temporada de pinturas, ficando “deslumbrado com o ambiente da cidade, suas paisagens, sua história, monumentalidade e arquitetura”⁴². Após temporadas na Europa e se casar com Fani Bracher, também artista, ao retornar ao Brasil vai morar em Ouro Preto, onde vive há mais de cinquenta anos. No seu contato com a cidade, vai desenvolvendo seu estilo de representação, definido por ele mesmo como dramático, de pinceladas soltas e livres, procurando passar um clima de densidade e profundidade⁴³ (Figuras 73 a 75).

⁴² Depoimento dado pelo artista em entrevista para a “Mostra Virtual Bossa Criativa - Ouro Preto”, divulgada no Canal Arte de toda gente, no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VG9s26gCX34>. Acesso em: 15 set. 2022.

⁴³ Idem.

Figura 73 - Ouro Preto - 300 anos de imagem, 2011, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.



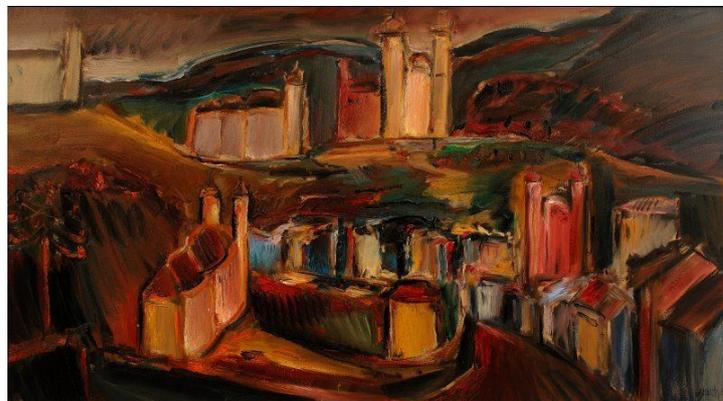
Fonte: <http://salaouropreto.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 74 - Rua Direita e Igreja São José, 1991; Paisagem de Ouro Preto, 1982, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra64465/rua-direita-e-igreja-sao-jose>. Acesso em: 18 set. 2022.
 Fonte: <https://belgaleriadearte.com.br/acervo/carlos-bracher/pinturas/q2616-paisagem-de-ouro-preto>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 75 - Paisagem de Ouro Preto, 2005, por Carlos Bracher. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.ampmg.org.br/comunicacao/noticias/carlos-bracher-e-a-psiQUIATRIA>. Acesso em: 18 set. 2022.

Antônio Marcos de Paula, mais conhecido como Tunico dos Telhados, nasceu em Ouro Preto em 1952, no bairro Antônio Dias, e começou a pintar na infância. Convivendo com a arquitetura colonial desde cedo, adotou como principal temática do seu trabalho os telhados do casario da cidade. Ao se mudar ainda novo para São Paulo, foi inspirado através da capa da primeira edição do livro “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles, encontrado em um sebo, a representar esses telhados coloniais, desenvolvendo o tema e transformando-se em sua inconfundível marca. Em uma perspectiva aérea, ele dá vida aos telhados através dos movimentos e das pinceladas coloridas (Figuras 76 a 78).

Figura 76 - Ouro Preto por Tunico dos Telhados, 2012 e 2016. Acrílica s/ tela.



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.243259075694711&type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 77 - Ouro Preto por Tunico dos Telhados, 2016. Acrílica s/ tela.



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.243259075694711&type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

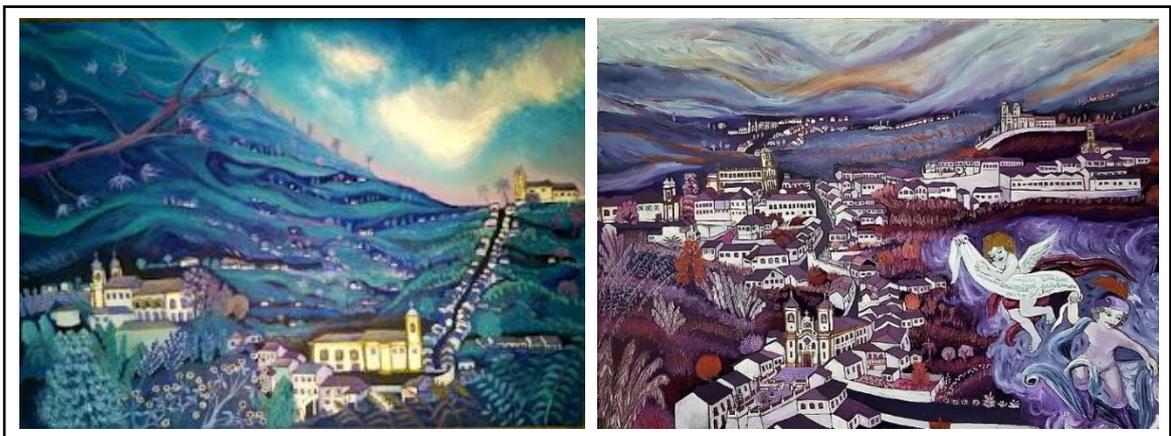
Figura 78 - Ouro Preto, 2016, por Tunico dos Telhados. Acrílica s/ tela.



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.243259075694711&type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

Já Annamélia Lopes de Oliveira (Figura 79) nasceu em Nova Lima – MG, em 1936. Estudou Belas Artes em Belo Horizonte, desenvolvendo trabalhos com xilogravuras e gravuras em metal, e posteriormente pinturas à óleo. Residindo em Ouro Preto desde 1964, fundou, junto de seu marido Nello Nuno de Moura Rangel, a Escola de Arte da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), em 1970. Começou a registrar paisagens da cidade durante a década de 70, iniciando com trabalhos de observação e com o passar do tempo, aperfeiçoando e modificando suas técnicas até chegar às atuais telas inspiradas em mapas⁴⁴ (Figuras 80 e 81). A filha do casal, Tatiana Rangel, também desenvolve trabalhos sobre Ouro Preto, se expressando através de cores e formas, em telas bem coloridas (Figura 82).

Figura 79 - Paisagens de Ouro Preto, 2006; Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto, 2007, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://annameliarte.blogspot.com/2018/10/>. Acesso em: 18 set. 2022.

⁴⁴ Fonte: <http://ouopreto.com.br/noticia/1734/exposicao-de-annamelia-lobes-marca-a-reinauguracao-da-galeria-de-arte-nello-nuno-da-faop>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 80 - Março na Vila, 2017; Cartografia Rosa com Libélula, 2016, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://annameliarte.blogspot.com/2018/10/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 81 - Mapa Ouro Preto, s/d, por Annamélia Lopes. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://annameliarte.blogspot.com/2018/10/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 82 - Ouro Preto por Tatiana Rangel, 2011 e 2012. Acrílica s/ tela.



Fonte: <http://salaouropreto.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.133005303431649&type=3>. Acesso em: 18 set. 2022.

Outro nome conhecido pelas ruas de Ouro Preto é o de Paulo Roberto Valadares, nascido na cidade em 1949. Na sua infância, foi inspirado pelas mantas penduradas nas janelas ouropretanas em um Domingo da Ressurreição a começar a desenhar, e hoje este detalhe é sua marca registrada nas telas⁴⁵. Aprimorando sua obra no dia a dia, em seu atelier localizado no bairro Rosário, Valadares representa a cidade com um estilo próprio, utilizando-se do pincel e da espátula, imprimindo cores vibrantes e ricos detalhes às paisagens (Figuras 83 a 86). Nascido no dia do aniversário da cidade, 8 de julho⁴⁶, é apaixonado por Ouro Preto, e em entrevistas sempre fala entusiasmado sobre seu trabalho e sobre a cidade onde nasceu.

Figura 83 - Brumas ouropretanas, 2019, por Paulo Valadares. Óleo s/ tela.



Fonte: Paulo Valadares. Disponível: <https://www.instagram.com/artistapaulovaladares/>. Acesso em: 19 set. 2022.

Figura 84 - Ouro Preto por Paulo Valadares, 2011; 2012; 2017. Óleo s/ tela.



Fonte: Paulo Valadares. Disponível: <https://www.instagram.com/artistapaulovaladares/>. Acesso em: 19 set. 2022.

⁴⁵Depoimento dado pelo artista em entrevista ao programa Terra de Minas. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5086346/>. Acesso em: 15 set. 2022.

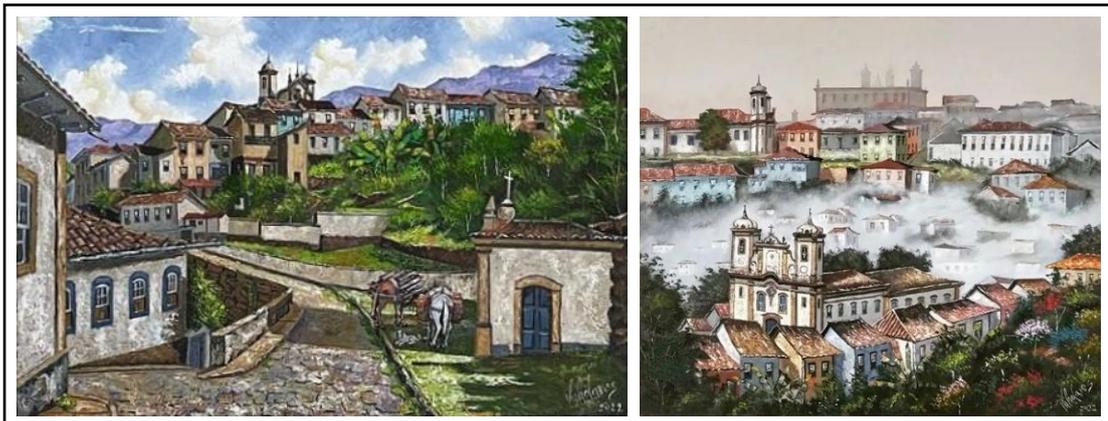
⁴⁶Data em que a cidade foi elevada oficialmente à Vila, chamada então de Vila Rica, em 8 de julho de 1711. Fonte: <https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/>. Acesso em: 21 set. 2022.

Figura 85 - Travessa do Arieira, 2018; Ouro Preto, 2019, por Paulo Valadares. Óleo s/ tela.



Fonte: Paulo Valadares. Disponível: <https://www.instagram.com/artistapaulovaladares/>. Acesso em: 19 set. 2022.

Figura 86 - Ouro Preto por Paulo Valadares, 2022. Óleo s/ tela.



Fonte: Paulo Valadares. Disponível: <https://www.instagram.com/artistapaulovaladares/>. Acesso em: 19 set. 2022.

A paisagem ouropretana é também tema predominante das pinturas e desenhos de Mirim Santos. Nascido na cidade, em 1970, desenvolve e expõe seus trabalhos em nanquim, aquarela e tinta à óleo no largo à frente da Igreja de São Francisco de Assis (Figuras 87 a 89). Envolvido também pela arte da capoeira e da percussão, desenhava desde a infância, e costumava admirar as obras de artistas na porta de seus ateliers, entre eles Mário de Oliveira, Milton Passos, Paulo Valadares, Naldo Navajas, João Sales e José Pio⁴⁷. Hoje, divide a vida entre as cidades de Pirenópolis, em Goiás, e Ouro Preto.

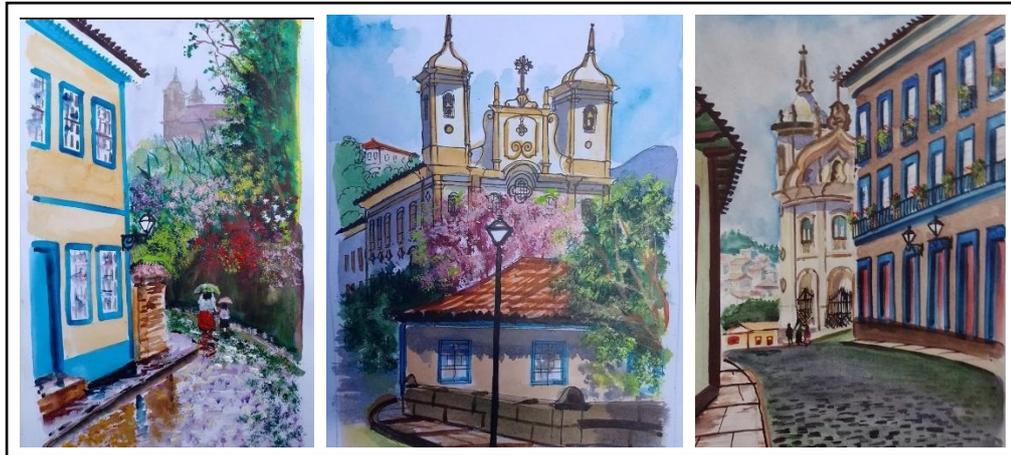
⁴⁷ Depoimento dado pelo artista em entrevista à Top Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2m4vNf7H5ms>. Acesso em: 15 set. 2022.

Figura 87 - Igreja de São Francisco de Assis, 2019, por Mirim Santos. Bico de pena.



Fonte: Mirim Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/s.mirim/> Acesso em: 19 set. 2022.

Figura 88 - Paisagens de Ouro Preto por Mirim Santos, 2022. Aquarela s/ papel.



Fonte: Mirim Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/s.mirim/> Acesso em: 19 set. 2022.

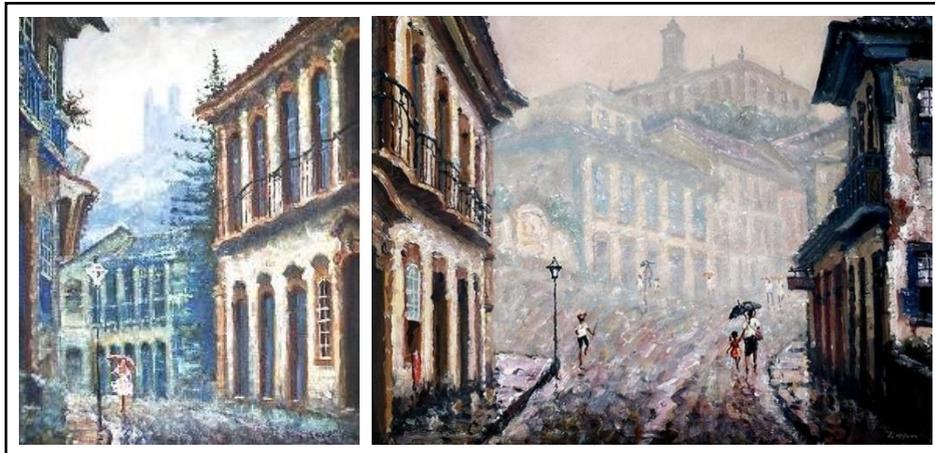
Figura 89 - Paisagens de Ouro Preto por Mirim Santos, 2016; 2019; 2022. Aguada em nanquim e aquarela s/ papel.



Fonte: Mirim Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/s.mirim/> Acesso em: 19 set. 2022.

Há também aqueles artistas que não residem na cidade, mas mostram sua paixão e admiração por ela em suas obras. Como Elias Layon (1950) (Figura 90), que reside na vizinha Mariana, mas mantém ateliê em Ouro Preto; Wilson Vicente (1951) (Figura 91), natural de Cataguases-MG; ou José Rosário (1969) (Figura 92), mineiro da cidade de Dionísio, que divulga seus trabalhos em um blog na internet, falando sobre as artes com temas variados e sobre os artistas com os quais se identifica, tendo sido importante fonte de pesquisa no decorrer do presente trabalho.

Figura 90 - Paisagem de Ouro Preto; Ouro Preto com chuva, s/d, por Elias Layon. Óleo s/ tela.



Fonte: <https://www.artesbuenosayres.com.br/peca.asp?ID=206369>. Acesso em: 18 set. 2022.

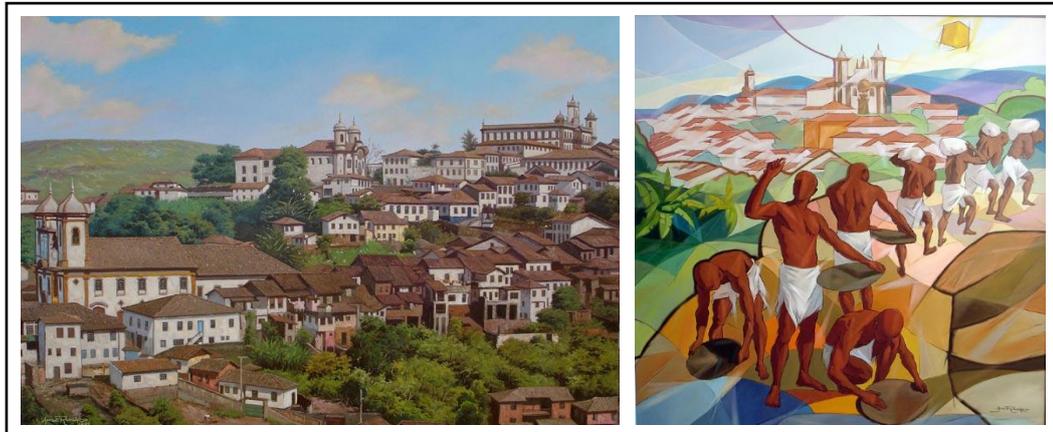
Fonte: <https://artsrealiza.com.br/produto/ouro-preto-com-chuva-pintura-elias-layon/>. Acesso em: 25 set. 2022.

Figura 91 - Ouro Preto por Wilson Vicente, s/d. Óleo s/ tela.



Fonte: <http://joserosarioart.blogspot.com/2011/06/wilson-vicente-jose-rosario.html>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 92 - Vista de Ouro Preto, 2007; As riquezas que rolam de Minas, 2009, por José Rosário. Óleo s/ tela.



Fonte: <http://joserosarioart.blogspot.com/2011/10/ouro-preto.html>. Acesso em: 18 set. 2022.

É possível visitar Ouro Preto através das obras destes tantos artistas, dos mais conhecidos aos menos conhecidos. Eles descobriram na arte um sentido especial para sua vida e fazem com que o rico cenário ouropretano tome diferentes formas em seus trabalhos, mantendo-se sempre imponente.

3.3 Análise do Estudo

As obras de arte são a percepção de seus artistas com o mundo, elas “apresentam um traço da relação do sujeito com o mundo percebido, cuja gênese situa-se na mediação entre as dimensões psicológica, social e histórica” (ANDRIOLO, 2014, p. 27). Elas são um meio de expressão e de comunicação dos sentimentos ou do pensamento, sendo a forma de representação variável de acordo com as épocas e com o espaço, que, como experiência do homem, também sofre transformações ao longo do tempo.

Nas manifestações, entre livros, poemas, desenhos e pinturas, misturam-se a experiência real dos artistas e viajantes com o espaço físico da cidade de Ouro Preto, e a imaginação criativa, que junto à memória participam do processo de elaboração das composições. Os pintores não apenas reproduzem o que veem, eles selecionam, compõem e elaboram a cena, tendo, dentro destes processos, a influência direta de suas relações com o lugar e com tudo que o envolve.

[...] não há dúvidas de que a percepção do “espetáculo” barroco que compõe o cenário da antiga Vila Rica, exige uma ação dinâmica de descoberta da cidade, baseada no movimento do observador, pois é esse movimento que vai oferecer ao transeunte a oportunidade de entrar em contato com as mais variadas cenas em todo o seu imenso poder de sedução visual. Dessa forma, o ato de caminhar pelos percursos principais

da cidade aparece como a única forma legítima de absorver a cadência dramática que é oferecida no espaço urbano da antiga capital das Minas Gerais (BAETA, 2007, p.56).

Em Ouro Preto, na sua materialidade e imaterialidade, podemos revisitar e compreender uma sociedade que sintetiza a experiência passada de portugueses, indígenas, africanos e mestiços, que construíram uma cidade e uma sociedade originais. Com o “abandono”, grande parte do conjunto urbano da cidade se preservou, e nos permitiu ter contato hoje com resquícios da nossa história no passado. Segundo Barboza Filho (2018, p.19),

[...] Essa relativa imobilidade da antiga capital nos proporciona a possibilidade de decifrar, através da análise de sua estrutura urbana, arquitetônica e visual, a natureza histórica de uma forma de vida especial, distinta daquela que a imaginação modernizante dos séculos XIX e XX procurava implantar no Brasil.

Erguida em um sítio topograficamente adverso, ocupado de forma espontânea a partir da implantação de seus principais monumentos, a cidade possui uma originalidade arquitetônica e uma unidade estética que a conferem um encanto especial. Para Barboza Filho (2018), “é uma cidade que nasce da multidão em busca de sua transfiguração em sociedade”.

Ao se juntar desordenadamente no começo do século XVIII, esta multidão valeu-se de sua memória, de sua experiência pretérita, e de seu repertório vernacular, para se ordenar em cidade, em *pólis*. Mas não se limitou a reiterar os termos do passado. Ao contrário, fez dele a base de uma invenção que incluía a adaptação ao território físico, explorando criativamente as possibilidades oferecidas por uma forma de vida já conhecida e própria de uma tradição brasileira em formação (BARBOZA FILHO, 2018, p.24).

Os artistas apresentados no decorrer do estudo, cada qual com seu olhar, sua leitura, suas vivências, suas experiências individuais e coletivas, e seus estilos próprios de representação, ao desenvolverem seus registros e expressarem neles os sentimentos que a histórica cidade evoca, colaboram com a construção da memória coletiva de nossa sociedade, sejam estes registros com um caráter mais documental e realista, ou mais fantasioso e imaginário. Em tantas vistas e tantos modos de olhar, as paisagens ouropretanas e seus elementos ganham destaque, contribuindo na permanência de seu papel como símbolo do passado brasileiro, somado a tantos outros que integram nosso Patrimônio Cultural Nacional.

O contato com o Patrimônio Cultural preservado, assim como o contato com as suas representações nas obras destes artistas, nos dá a possibilidade de ressignificar nossa memória, despertando em nós o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura e sociedade, nos

orientando no tempo e no espaço, e assim, dando suporte para a construção da nossa história e da nossa identidade cultural.

Uma das mais importantes cidades do Brasil no século XVIII, e todo o seu patrimônio, material e imaterial, inspira o sentimento artístico. Todo esse passado vivo no território ouropretano, traduzido em muitos desenhos e pinturas de artistas de diferentes épocas, nos dá a possibilidade de desenvolver estudos e teorias sobre a nossa sociedade, tornando-se indispensável no processo de análise da construção da nossa história, memória e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi iniciado com uma revisão de conceitos, em que foi possível compreender que ao falar de Patrimônio Cultural, falamos também de memória e de identidade, estando todos estes conceitos interligados. A preservação do patrimônio se faz de uma questão de cidadania, sendo direito e dever fundamental do cidadão e suporte para a construção da memória, e assim, da construção da história e da identidade cultural de nossa sociedade.

Passando pela trajetória da cidade de Ouro Preto, buscamos compreender o processo de construção do simbolismo que a cidade possui diante da história da nossa sociedade, sendo um local que transmite aspectos da memória, cultura e história, com espaços vinculados a processos sociais, políticos e culturais, próprios da cidade e também em âmbito nacional e mundial. Na paisagem da antiga Vila Rica, para além dos bens edificados, é expressa a sua formação e continuidade, demonstrando uma relação de períodos distintos. Temos uma paisagem plural e heterogênea, plena de significados e experiências sociais, onde identificamos trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos.

Em meio a uma variedade tão grande e tão rica, buscou-se no presente estudo trazer um pouco da história e da obra de alguns dos artistas que foram inspirados pelo simbolismo da histórica cidade, e a tiveram como tema de seus quadros, realizados a partir de diferentes estilos. Ao falar destas figuras, de suas trajetórias e evoluções, relacionadas às suas obras e ligação com a cidade de Ouro Preto, foi possível compreender como a relação entre as pessoas e os bens patrimoniais é dinâmica e sujeita a constantes ressignificações. Dar vida a cada um dos quadros e desenhos, é uma forma de ressignificar, e o nosso contato com estas obras, também nos permite essa ressignificação.

Com a análise desenvolvida, foi possível mostrar o quanto esse passado vivo no território ouropretano, presente nos registros paisagísticos dos artistas, se faz indispensável no estudo de nossa história, memória e construção da identidade. A pintura como expressão da cultura, nos permite a identificação cultural, que faz não nos sentirmos estranhos no nosso próprio ambiente, e nos possibilita, através da análise da realidade percebida, intervir e transformar essa realidade. O contato com o Patrimônio Cultural é essencial para que seja despertado em todos os ouropretanos o sentimento de pertencimento. É nele que está a nossa memória coletiva, e é a partir dele que a nossa sociedade constrói constantemente sua identidade.

É importante mencionar que a cidade não é somente o seu núcleo histórico, que é o cartão postal do local e a porção que, sem dúvidas, mais inspira os artistas. A riqueza da cultura

e história de todo o município de Ouro Preto, construídas da sabedoria e do conhecimento de diferentes povos, está presente em cada canto de seu território. Para que todos entendam a importância histórica da cidade, e as diferentes realidades da sociedade que hoje vive por aqui, é de suma importância o contato e a compreensão de toda sua trajetória, dos processos, transformações e acontecimentos ocorridos por essas terras, que nos fazem entender melhor a realidade local, o porquê a cidade ser da forma que ela é hoje, e os problemas que enfrenta. Assim, podemos perceber a importância do acesso às fontes que buscam explicar e estudar a legítima história da cidade, e do quanto se faz necessário os moradores conhecerem de fato o local de sua própria origem, para que se tenha o sentimento de pertencimento verdadeiro.

O conhecimento adquirido e a apropriação dos bens culturais por parte da comunidade auxiliam diretamente na preservação do patrimônio. À medida que o cidadão se entende como parte integrante do seu entorno, tende a valorizar a sua identidade cultural, e se reconhecer como o verdadeiro ator da preservação da nossa memória.

Reflexões e discussões sobre o assunto são sempre importantes, e essa pesquisa se faz de uma pequena contribuição para que cada vez mais possamos enxergar o nosso papel, e a importância da busca de se preservar o nosso Patrimônio Cultural, e assim, preservar nossa memória e nossa identidade. Na paisagem real ouropretana, nós somos os artistas e ressignificamos, a cada instante, o que vemos e sentimos diante dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIOLO, Arley. **A transformação do mundo em pintura: estudo em psicologia social do fenômeno das imagens**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 212 p.

ASSUMPCÃO, Ana Laura. **Paisagens imaginantes: a experiência perceptiva de Guignard em Ouro Preto por meio da representação pictórica**. In.: Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes. São Paulo, p. 2367-2381, 2018.

BAETA, Rodrigo. **OURO PRETO: cidade barroca**. Cadernos PPG-AU/UFBA, v.1, n.1, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1541>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

BARBORZA FILHO, Rubem. **Ouro Preto: Barroquismo e representação urbana, arquitetônica e estética da linguagem dos afetos**. Perspectivas, São Paulo, v. 51, p. 11-57, jan./jun. 2018.

BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto: um novo olhar**. São Paulo: Scortecci, 2011.

BRANDÃO, Angela. **Os desenhos das cidades históricas de Minas Gerais por Tarsila do Amaral**. In: I Colóquio Internacional de História da Arte - Paisagem e Arte, a invenção da natureza, a evolução do olhar. Comitê Brasileiro de História da Arte, São Paulo, v. 1, p. 415-422, 2000.

BUENO, Fernanda Alves de Brito. **A paisagem de Ouro Preto como espacialização no tempo: A experiência e a vivência do Morro da Queimada**. Escola de Arquitetura UFMG. Belo Horizonte. 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

CARSALADE, Flávio de Lemos. **Desenho Contextual: Uma abordagem fenomenológico-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem**. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. In: MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; ARAÚJO, Guilherme Maciel; ASKAR, Jorge Abdo. *Mestres e conselheiros: manual de atuação dos agentes do patrimônio cultural*. Belo Horizonte: IEDS, 2009, p. 76-90.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **Instrumentos urbanísticos e preservação do patrimônio**. In.: *Entre o urbano, o social e o ambiental: a práxis em perspectiva*. Belo Horizonte: Gaia Cultural – Cultura e Meio Ambiente. p. 199-215. 2015.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: valores e sociedade civil**. In.: *Mestres e Conselheiros: Manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural*. Belo Horizonte: IEDS, 2009. p. 40 - 47.

- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- COSTA, Otávio. **Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares**. In.: Espaço e cultura, edição comemorativa. UERJ, Rio de Janeiro. p. 149-156, 1993-2008.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Memória e reflexividade na cultura ocidental**. In.: Memória e Patrimônio. p. 305 -316.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **O direito à memória: análise dos princípios constitucionais da política de patrimônio cultural no Brasil (1988-2010)**. Fundação Casa de Rui Barbosa. s/d.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Memória e ensino de História**. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999. p.265-276.
- FERREIRA, Oscar Luis. **Patrimônio cultural e acessibilidade: as intervenções do Programa Monumenta, de 2000 a 2005**. Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e Vilas d'el Rei. Espaço e poder nas Minas setecentistas**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 731p.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 21-29, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes antropológicos, v. 11, n. 23, p. 15- 36, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: Enciclopédia Einaudi: v. 1 – Memória e História. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.
- NATAL, Caion Meneguello. **Ouro Preto a construção de uma cidade histórica, 1891-1933**. Campinas, SP. 2007.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, p. 7-28, 1981.
- OLIVEIRA, Carlos Alberto. **Émile Rouède, o correspondente de Ouro Preto**. In: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP. v.9, n.2, p.335-353, mai./ago. 2017.
- PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.26, nº 51, p. 115-140, 2006.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007

SALGADO, Marina. **Ouro Preto: paisagem em transformação**. 2010. 193f. Escola de Arquitetura UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em núcleos urbanos: de conflito a solução**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2000. 122 p.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Diferentes olhares sobre a preservação das cidades: entre os dissensos e os diálogos dos moradores com o patrimônio**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. 266 p.

SPINA, Gabriel Luis. SERRATTO, Edgar Bruno Franke. **Patrimônio Histórico e Cultural: uma revisão bibliográfica**. Educação, Batatais, v. 5, n. 3, p. 99-116, 2015.

THOMAZ, Mariana Rodi. **Guignard e a pintura de paisagem de Ouro Preto: imagem e memória**. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2018. 98p.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1977.

SITES VISITADOS:

DICIONÁRIO MICHAELIS <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

ENCICLOPÉDIA **Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>.

JOSÉ, Adenilson. **Álbum Reviva Ouro Preto**. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.573381866135588&type=3>.

Prefeitura de Ouro Preto. **Luiz Fontana**. Disponível em: <https://ouropreto.mg.gov.br/luizfontana/#fotografias>.

ROSÁRIO, José. **Arte em Foco**. Disponível em: <https://joserosario.com.br/>.